

Sala	5
Gab.	-
Est.	56
Tab.	20
N.º	1

Sala 5
Gab. -
Est. 56
Tab. 20
N.º 1

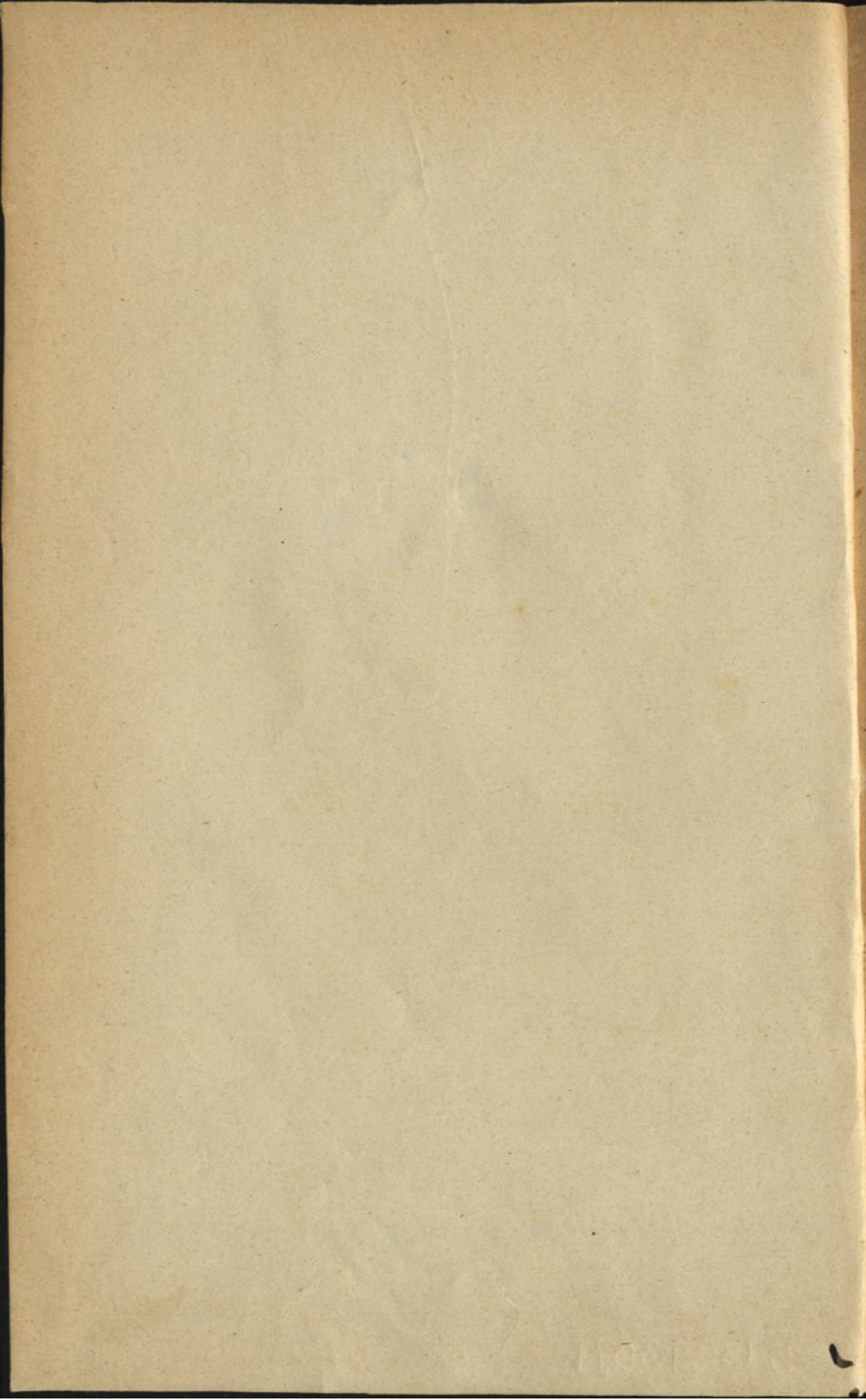


UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral



1301088313

613093071



Psychologia feminina

EUSÉBIO TAMAGNINI
DOUTOR EM SCIÊNCIAS NATURAES

Psychologia feminina

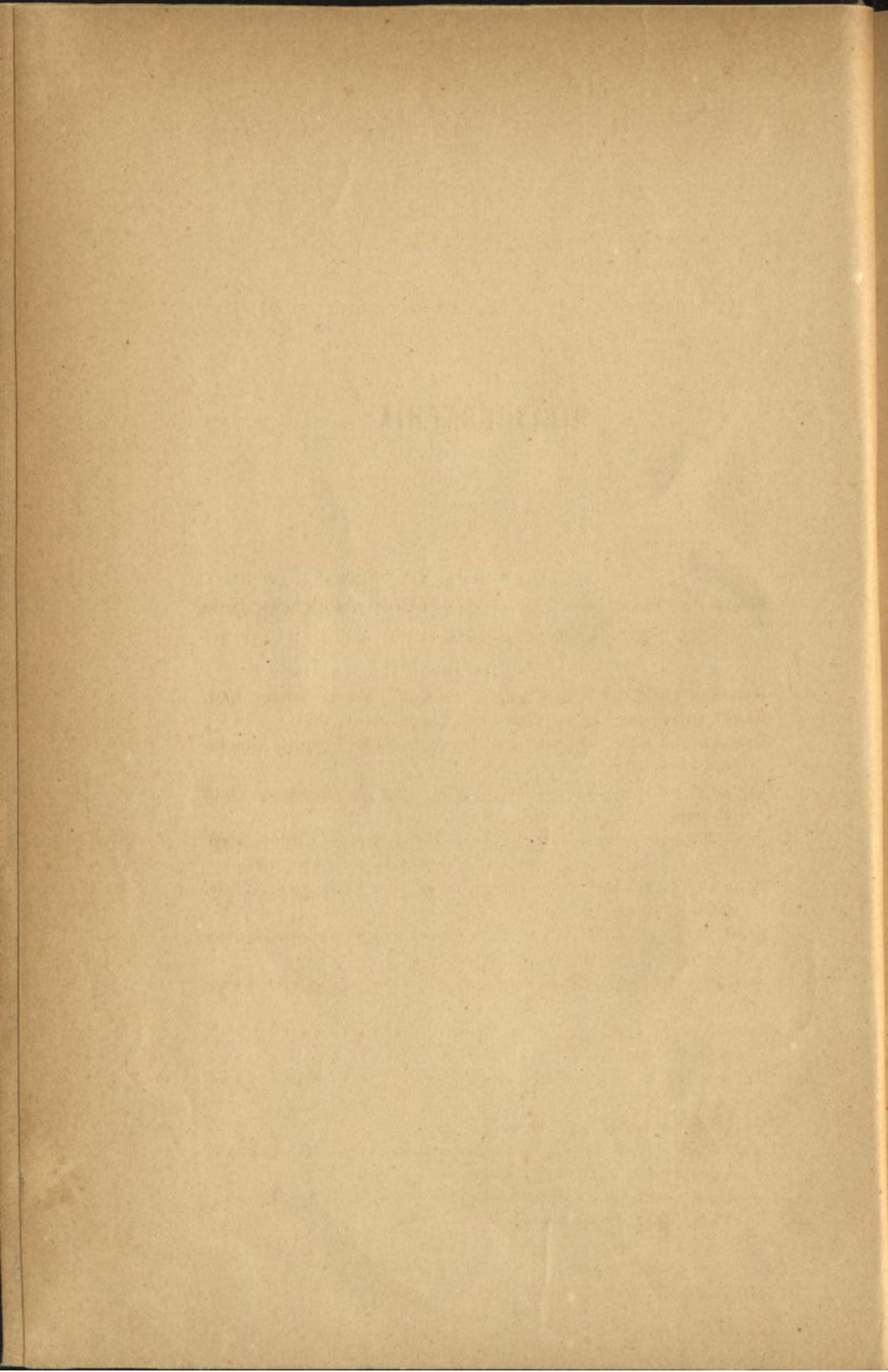
«Sex lies deeper than culture.»
MAUDSLEY.



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1904

R. 3440

DISSERTAÇÃO PARA O CONCURSO
AO MAGISTÉRIO NA SEGUNDA
SECÇÃO DA FACULDADE DE
PHILOSOPHIA NATURAL.



BIBLIOGRAPHIA

Entre as obras que consultamos para a elaboração deste livro especializâmos as seguintes:

- BALDWIN (J. M.) — *L'intelligenza*. — Fratelli Bocca. Turim, 1904.
- BEBEL (A.) — *La femme*. — Georges Carré. Paris, 1891.
- BERNARDINO MACHADO (Dr.) — *A indústria*. — França Amado. Coimbra, 1898.
- BOURGAS (M.) — *Le droit à l'Amour pour la femme*. — Vigot Frères. Paris, 1903.
- CANESTRINI (G.) — *Anthropologia* — Ulrico Hoepli. Milão, 1898.
- DANTEC (F.) — *Traité de Biologie*. — Félix Alcan. Paris, 1903.
- DANVILLE (G.) — *La psychologie de l'amour*. — Félix Alcan. Paris, 1903.
- DELAGE (Y.) — *La structure du protoplasme et les theories sur l'hérédité*. — C. Reinwald. Paris, 1898.
- EGAS MONIZ (Dr.) — *A vida sexual*, tom. I — França Amado. Coimbra, 1901.
- FÉRÉ (CH.) — *L'instinct sexuel. Evolution et dissolution*. — Félix Alcan. Paris, 1902.
- HAECKEL (E.) — *Les enigmes de l'Univers*. — C. Reinwald. Paris, 1902.
- L'année biologique*, tom. VI e VII.
- LOMBROSO — *Nouvelles recherches de psychiatrie et de anthropologie criminelle*. — Félix Alcan. Paris, 1892.
- LOMBROSO e FERRERO — *La femme criminelle et la prostituée*. — Félix Alcan. Paris, 1896.

- LOURBET (J.) — *Le probleme des sexes.* — V. Giard et E. Brière. Paris, 1900.
- MAILLARD (F.) — *La legende de la femme émancipée.* — Librairie illustrée. Paris.
- MANTEGAZZA (P.) — *Fisiologia do amôr,* trad. de C. DE FIGUEIREDO. — Livraria clássica editora. Lisboa, 1904.
- MANTEGAZZA (P.) — *Fisiologa da mulher,* trad. de C. DE FIGUEIREDO. — 2.^a edição. Livraria editora Viuva Tavares Cardoso. Lisboa, 1904.
- MARION (H.) — *Psychologie de la femme.* — Armand Colin. Paris. 1903.
- MICHELET (F.) — *La femme.* — Calmann-Lévy. Paris.
- MOEBIUS (P. J.) — *L'inferiorità mentale della donna.* — Fratelli Bocca. Turim, 1904.
- NORDAU (MAX) — *Paradoxes.* — Félix Alcan. Paris, 1904.
- NOVICOW (J.) — *L'affranchissement de la femme.* — Félix Alcan. Paris, 1903.
- RICHEL (CH.) — *Essai de psychologie générale.* — Félix Alcan. Paris, 1903.
- ROULE (L.) — *L'Embriologie générale.* — Reinwald et C.^{ie}. Paris, 1893.
- SERGI (G.) — *L'origine dei fenomeni psichici.* — Fratelli Bocca. Turim, 1904.
- SPENCER (H.) — *Principes de Biologie.* — Félix Alcan.
- THEOPHILO BRAGA — *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições,* vol. 1.^o — Livraria Ferreira. Lisboa, 1885.
- THULIÉ (H.) — *La femme.* — A. Delahaye et Lecrosnier. Paris, 1885.
- VIAZZI (P.) — *Psicologia dei sessi.* — Fratelli Bocca. Turim, 1904.
-

CAPÍTULO I

A sexualidade (1)

Quem se disposér a estudar um problema de psychologia sexual, encontrar-se ha necessariamente a braços, antes de qualquer outro assumpto, com o phenómeno biológico da reproducção. É que, como diz VIAZZI (2): — «*La vita, . . . si riconduce all'amore e alla fame, e tutti gli altri bisogni sono parti di questi due fondamentali*».

Ainda mesmo destas duas propriedades essenciaes da substância viva só uma — a nutrição, é *primordial*; a *reproducção*, segundo VERWORN, *não é mais do que uma nutrição exagerada*. Com effeito, se a *nutrição* tem por fim essencial um *augmento de matéria viva*, a *essencia* da reproducção é *também* um augmento da mesma substância.

A differença está simplesmente em que, no caso de nutrição, a matéria viva recentemente formada fica em conexão íntima com o organismo que a produziu, augmentando-lhe o volume; e no caso da reproducção, uma parte

(1) O que neste capítulo e no seguinte dizemos àcerca da *sexualidade* e do *determinismo do sexo*, foi esboçado, nas suas linhas geraes, seguindo o *Tratado de biologia* de DANTEC. Fazemos a advertência com o duplo fim de eliminar, quanto possível, os inconvenientes trazidos ao seguimento da leitura pelas numerosas citações, e de indicar o livro onde mais amplas informações sôbre a matéria em questão podem ser obtidas.

(2) P. VIAZZI, *Psicologia dei sessi*, pag. 20.

da substância viva *separa-se* ou *isola-se*, por intermédio duma parêde divisória, do resto do organismo gerador.

Às vezes uma simples célula é capaz, por si só, de reproduzir um sêr pluricellular; é o caso da reprodução *agâmica* ou *parthenogênica*; outras vezes porém os phenomenos complicam-se mais: certos elementos, pertencentes a determinados tecidos, sam os *únicos* susceptíveis de reproduzir o indivíduo pluricellular — sam *os elementos reproductores*.

Uma das propriedades características de taes elementos é serem *incapazes de assimilação*, o que parece paradoxal; porque, sendo os elementos sexuaes os únicos susceptíveis de assegurar a reprodução, não possuem a propriedade essencial da reprodução — *a vida elementar*, que se manifesta pela assimilação num meio conveniente.

Mas esta falta é remediada pela existência, para cada espécie, de dois *typos* de elementos sexuaes — o typo masculino, o *espermatozoide* (*antherozoide* dos vegetaes) e o typo feminino, o *óvulo* (*oosphera* dos vegetaes), que, atrahindo-se recìprocamente, se fusionam num *óvo*, célula completa capaz de assimilação. O óvo é o ponto de partida dum novo indivíduo.

É costume designar ainda os elementos sexuaes pelo nome de *gâmetos*; — *microgâmeto* ou elemento masculino e *macrogâmeto* ou elemento feminino. Esta designação baseia-se em que, na *maioria dos casos*, o elemento feminino é muito mais volumoso do que o masculino. Ha porém casos (*isogamia*) em que os elementos sexuaes possuem igualdade de volume.

Costuma também dizer-se que o elemento masculino é *movel* e o feminino *fixo*, mas em certas *Algas* os dois elementos reproductores sam *móveis*.

Vê-se pois que, quando se trata dos sêres inferiores, nem sempre é facil determinar o sexo dum determinado elemento sexual. Igual difficuldade se encontra no estudo da reprodução dalguns *Infusorios ciliados*.

Os *Infusórios* sam *Protozoários* cujo núcleo não é com-

paravel ao das células ordinárias. Mergulhadas no cytoplasma, encontram-se duas ou mais massas de substâncias nucleares: um *macronúcleo* e um ou varios *micronúcleos* (*paranúcleos*). Estes animaes reproduzem-se por scissiparidade, e tanto o macronúcleo como os paranúcleos se dividem por conta própria, de modo que cada um dos novos Infusórios contém exactamente ametade das substâncias nucleares do indivíduo de que provêm.

Este processo de reproducção é rápido (1), mas o phenomeno não pode *durar indefinidamente*. Segundo MAUPAS, o número de bipartições successivas a que pode dar lugar um destes animaes nunca excede um certo limite, variavel com as espécies, e que se pode fixar approximadamente em 300.

Os Infusórios que provêm das últimas divisões sam *degenerados* e caracterizam-se — morphologicamente: pelas suas menores dimensões; — physiologicamente: pela sua incapacidade de divisão.

Os Infusórios degenerados estão irremediavelmente condemnados à morte, a menos que se não dê um facto novo, o *rejuvenescimento cariogâmico*.

Do mesmo modo que os elementos sexuaes, estes Infusórios, incapazes de assimilar, podem pertencer a dois typos complementares: se no meio existe sòmente um dos typos, a morte vem rápida; se, pelo contrário, existem os dois typos, constata-se immediatamente a denominada *epidemia de conjugação*.

A conjugação de dois Infusórios é da mesma natureza que a fusão de dois elementos sexuaes, e o conjuncto dos dois plastídios collados representa um óvo.

As differenças residem unicamente na isogamia dos

(1) A velocidade da reproducção é tam grande que, se sobrevivessem todos os descendentes, um Paramécio daria origem, num só mês a 268 milhões de indivíduos. P. MANTEGAZZA, *Physiologia do amor*, trad. de C. de FIGUEIREDO, pag. 20.

indivíduos (1), e nas manifestações figuradas muito interessantes que acompanham a conjugação e que se passam no paranúcleo, manifestações a que é devido o nome de rejuvenescimento cariogâmico (casamento dos núcleos).

Note-se porém que, apesar destas manifestações figuradas serem muito interessantes, nem por isso ha razões sufficientes para as julgarmos mais importantes do que as que se passam no cytoplasma.

A symetria das manifestações figuradas, que se passam no micronúcleo, fêz emittir, *à priori*, por comparação mal cabida com os animaes superiores, a hypóthese do *hermaphrodismo* dos Infusórios.

Basta approximar a anisogamia dos *Vorticellos* da isogamia dos *Paramécios*, para vermos como aquella hypóthese é infundada. Por outro lado, não se comprehende porque, sendo os Infusórios hermaphroditas, em certos casos morrem todos sem haver conjugação, phenómeno que se explica muito bem suppondo-os todos do mesmo sexo.

Já vimos que uma das características dos elementos sexuaes, que parece paradoxal, consiste na sua *incapacidade de assimilação*; trata-se agora de saber a que motivo é devida essa incapacidade, isto é, se resulta duma *estructura defeituosa* ou duma *composição chymica incompleta*.

Notaremos primeiramente que, se nos mantivermos dentro dos limites da morphologia, os dois elementos complementares, — óvulo e espermatozoide, apesar da sua desproporção, sam equivalentes.

As células a partir das quaes se ham de formar os elementos sexuaes, não sam células quaesquer; muito cêdo, no decurso da evolução individual, se extremam dos elementos somáticos as *células mães* dos elementos reproductores.

As células mães, dividindo-se um número consideravel

(1) Nos *Vorticellos* ha *anisogamia*.

de vezes, — período de multiplicação — produzem os *oogónios* ou os *espermatogónios*, (conforme se trata do óvulo ou do espermatozoide) que augmentando de volume, — período de crescimento — dam origem aos *oócytos* ou aos *espermatócytos primários*, respectivamente; estes, soffrendo duas *divisões consecutivas, sem phase intermediária de repouso*, produzem os *oócytos* e os *espermatozytos secundários*.

Ha contudo que distinguir uma particularidade da oogénese: ao passo que as duas divisões consecutivas do espermatócyto primário sam iguaes, as duas divisões do oócyto primário não o sam.

A primeira divisão dá logar a um *oócyto secundário*, quasi tam volumoso como o primário, e a um *glóbulo polar* extraordinariamente pequeno; a segunda divisão produz um *óvulo* e um *segundo glóbulo polar*, também extraordinariamente pequeno. O primeiro glóbulo polar biparte-se immediatamente depois (1).

Os estudos minuciosos que têm sido emprehendidos a respeito da divisão cellular, mostram que, para uma mesma espécie, o número dos *chromosomas*, nas *cariocinèses* dos *elementos somáticos*, é constante ($2n$); contudo na linhagem que leva aos elementos sexuaes, produz-se, mais tarde ou mais cedo, uma modificação importante — o número dos *chromosomas* reduz-se a n (ametade).

Nos *Ascaris* este número (n) apparece pela primeira vêz no oócyto primário; na Salamandra o seu apparecimento tem logar muito cedo, no período de multiplicação das células mães dos elementos sexuaes; nos Fetos (*Cryptogâmicas vasculares*) aquelle número de *chromosomas* é privativo dum conjuncto de células de que sòmente *algumas* produzem elementos sexuaes.

(1) Para maiores esclarecimentos âcerca da génese e maturação dos elementos sexuaes, podem ver-se, além da obra citada de DANTEC, *L'Embriologie générale* de L. ROULE; o livro de Y. DELAGE, *Héredité*, etc.

Esta particularidade da redução das substancias chromáticas é interessante, e tem dado logar a interpretações mais ou menos verosimeis àcerca dos phenómenos de hereditariedade.

Cada um dos chromosomas do oócyto e do espermatócyto primários é constituído por quatro partes distinctas juxtapostas, e as duas cariocineses successivas sem phase intermediária de repouso têm por resultado repartir, pelos quatro elementos distinctos — o óvulo e os glóbulos polares da fêmea, os quatro espermatozoides do macho, — as quatro partes de cada um daquelles chromosomas. É pela ausencia da phase de repouso entre as duas cariocineses que DANTEC as designa por *cariocineses singulares*, para as distinguir das caricineses ordinárias.

Com effeito nas cariocineses ordinárias parte-se duma phase de repouso e termina-se numa phase igual, isto é, trata-se dum phenómeno de *cyclo fechado*; no caso dos elementos sexuaes, a cariocinese não *termina*, está *suspensa*, não ha telophase. Por isso a *última cariocinese sexual é uma cariocinese de cyclo aberto*.

Esta *suspensão* na cariocinese, que duraria indefinidamente, tanto para o óvulo como para o espermatozoide, é *levantada* pela fecundação.

Já nos referimos à incapacidade de assimilação manifestada pelos elementos sexuaes, e dissemos que essa incapacidade podia ser devida a uma composição chymica insufficiente ou a uma deficiencia de estructura.

Certos auctores, fundando-se na ausencia de centrosoma no óvulo maduro (exceptuando o caso do *Myzostomum*), têm pensado que, na maturação do óvulo, o que o torna incapaz de assimilar é aquella falta, e que a fecundação tem por fim supprí-la com o espermocentro.

Não apresentaremos por extenso as várias objecções que podem fazer-se a esta hypóthese e simplesmente faremos notar que, se assim fôsse, se a incapacidade do óvulo proviesse da ausencia de centrosoma, em todas as gerações sexuaes o centrosoma seria de origem masculina, e

seria impossível que este centrosoma não influísse dum modo particular nos caracteres dos indivíduos, isto é, no património hereditário dum indivíduo qualquer deveriam encontrar-se caracteres próprios do centrosoma.

Sendo assim, os elementos sexuaes dos filhos teriam centrosomas de origem paterna e os elementos sexuaes das filhas não teriam centrosomas; os caracteres paternos devidos ao centrosoma poderiam ser transmitidos aos descendentes dos filhos e não o poderiam ser aos descendentes das filhas, o que é contrario a tudo quanto ha de mais certo nos phenómenos da hereditariedade. Com effeito, *os dois sexos sam inteiramente equivalentes sob o ponto de vista da possibilidade das transmissões hereditárias.*

A maturação dos elementos sexuaes é, pois, de ordem chymica ou molécular, e, se a cariocinese pára no óvulo antes de ser attingida a telophase, é porque as *substâncias chymicas* que constituem os elementos figurados da célula sam *incapazes, pelas suas reações, de fechar a cariocinese e de recommençar a assimilação* (DANTEC).

A melhor prova desta affirmacão está nos *caracteres sexuaes secundários.*

Estes caracteres sam devidos à diffusão no organismo dos productos soluveis elaborados pelas glândulas sexuaes; e, como sam diferentes nos machos e nas fêmeas duma mesma espécie, conclue-se que os elementos masculinos differem chymicamente dos elementos femininos correspondentes.

As differenças sexuaes sam, pois, de ordem chymica; é em virtude de razões de ordem chymica que o cyclo das cariocineses se não fecha nos elementos sexuaes; e é ainda por as substâncias chymicas, que existem no espermatozoide e faltam no óvulo, serem introduzidas neste no acto da fecundação, que as cariocineses suspensas retomam o seu seguimento.

Hypóthese de DANTEC sôbre a natureza do sexo

Segundo DANTEC (1) o sexo é de origem molécula e, por conseguinte, as diferenças que separam os elementos sexuaes, separam igualmente as suas substâncias constitutivas.

Cada molécula duma substância plástica pode, pois, ser eschemáticamente representada por duas semi-moléculas de sexo opposto; para que a assimilação tenha lugar é indispensavel a collaboração de semi-moléculas masculinas e femininas em número igual.

Cada elemento sexual masculino encerra unicamente semi-moléculas masculinas e cada elemento sexual feminino contém só semi-moléculas femininas.

Nesta hypóthese, comprehendem-se facilmente todas as particularidades que caracterizam os elementos reproductores e todos os phenómenos da fecundação.

Compreende-se porque motivo os elementos sexuaes sam incapazes de assimilação, comprehende-se como a fecundação, introduzindo as semi-moléculas masculinas do espermatozoide entre as semi-moléculas femininas do óvulo, tem por consequencia a formação duma célula completa (óvo) capaz de assimilar.

A maturação dos elementos sexuaes comprehende-se muito bem nesta hypóthese; consistiria no desaparecimento das semi-moléculas dum sexo dado em toda a extensão dum plastídio, que assim se torna num elemento do sexo opposto.

A maturação do elemento feminino é *progressiva* e pode terminar num estado mais ou menos avançado.

Com effeito, nos animaes superiores a maturação é sempre *completa* e o óvulo torna-se sempre verdadeiramente feminino e por isso incapaz de assimilar; em certos

(1) F. LE DANTEC, *Traité de Biologie*, pag. 161.

animas susceptíveis de *parthenogénese sazónaria* a maturação pode ser *completa* (durante o inverno) e então ha sexualidade verdadeira, ou *nulla* (durante o verão) e o *óvulo* é uma célula capaz, por si só, de assimilar (óvo parthenogénico).

As *Abelhas* fornecem o exemplo interessante dum caso intermediário aos dois extremos que acabamos de descrever.

A maturação dos óvulos começa sempre, mas nunca é completa. O óvulo encerra, portanto, em todos os casos (na hypóthese de DANTEC, é claro) moléculas completas e e semi-moléculas femininas, e por isso se pode comportar de dois modos diferentes, consoante as circunstâncias:

a) Como óvo parthenogénico, graças à quantidade sufficiente de moléculas completas que torna possível a assimilação. Nesta hypóthese produz um macho;

b) Como óvulo sexuado, capaz de atrahir um espermatozoide, em virtude da quantidade sufficiente de semi-moléculas femininas que encerra. Neste caso produz uma fêmea — *rainha* ou *obreira*.

Os phenómenos da maturação do elemento masculino sam ainda pouco conhecidos attenta a exiguidade das dimensões do espermatozoide.

O estudo dos phenómenos designados por *alternação de gerações* vae permittir-nos comprehender a causa das differenças sexuaes.

Já vimos que o número de chromosomas das células duma espécie dada, podia ser $2n$ (elementos somáticos) ou n (elementos sexuaes ou as suas células mães). É interessante ver como apparecem as caricioneses de n chromosomas.

Nos Fetos, a *planta foliácea* possui cariocineses de $2n$ chromosomas; mas, attingido o desenvolvimento completo, apparecem cariocineses de n chromosomas nas *células mães dos esporos*.

Um esporo, collocado num meio conveniente, germina originando um *prothallo*, onde se encontram exclusiva-

mente células de n chromosomas; destas, umas tornam-se femininas, outras masculinas e, finalmente, outras permanecem asexuadas. (Vê-se também que, apesar da maturação exigir, para se effectuar, células de n chromosomas, nem todas estas células conduzem a elementos genitais.)

A fecundação do elemento feminino tem lugar *in situ*, e o *ôvo* desenvolve-se igualmente no ponto onde teve lugar a fecundação, produzindo uma planta foliácea com células de $2n$ chromosomas.

Houve pois uma *alternação* de gerações (formas) que se pode representar eschematicamente do seguinte modo:

$$\text{feto foliáceo} \rightarrow \text{esporo} \rightarrow \text{prothallo} \left\{ \begin{array}{l} \text{antherozóide} \\ \text{oosphera} \end{array} \right\} \text{ôvo} \rightarrow \text{feto foliáceo}$$

Nas Cavallinhas existe uma complexidade maior, devida a uma certa differenciação dos esporos, que, apesar de conservarem a primitiva igualdade de volume, produzem duas categorias de prothallos: uns, minúsculos, onde se desenvolverám os elementos masculinos; outros, grandes, onde se passa a evolução dos elementos femininos.

Temos pois em resumo:

$$\text{cavallinha foliácea} \left\{ \begin{array}{l} \text{esporo} \rightarrow \text{prothallo} \text{ ♂ } \rightarrow \text{antherozóide} \\ \text{esporo} \rightarrow \text{prothallo} \text{ ♀ } \rightarrow \text{oosphera} \end{array} \right\} \text{ôvo} \rightarrow \text{cav. foliácea.}$$

A complicação apresentada pelas Cavallinhas ainda vae mais longe na *Salvínia*, onde existem duas categorias de esporos: uns — *microsporos*, produziram elementos masculinos; outros — *macrosporos*, fornecem as oospheras.

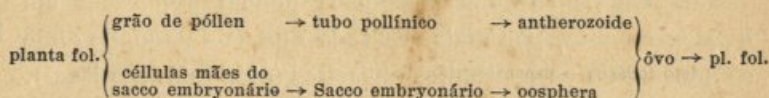
É o que se vê pelo seguinte eschêma:

$$\text{salvínia fol.} \left\{ \begin{array}{l} \text{esporocárpio de} \\ \text{microsporângios} \rightarrow \text{microsporo} \rightarrow \text{prothallo} \text{ ♂ } \rightarrow \text{antherozóide} \\ \text{esporocárpio de} \\ \text{macrosporângios} \rightarrow \text{macrosporo} \rightarrow \text{prothallo} \text{ ♀ } \rightarrow \text{oosphera} \end{array} \right\} \text{ôvo} \rightarrow \text{salv. fol.}$$

Uma particularidade interessante a assignalar é o *parasitismo* dos prothallos sobre a planta foliácea, e tanto mais que, se não conhecessemos os casos dos Fetos e das Cavalinhas, era natural pensar-se que a *Salvinia* produzia directamente os elementos sexuaes.

O caso da *Salvinia* permite-nos comprehender o que se passa nas flores das Phanerogâmicas, onde existe também uma geração alternante que as circumtâncias especiaes em que se desenvolve o prothallo feminino não deixam à primeira vista descobrir.

Com effeito para estes vegetaes temos:



Como dissemos devem considerar-se as gerações de n chromosomas como parasitas do *soma*, e sabe-se que, quando as duas gerações (de n e $2n$ chromosomas) sam livres, a sua morphologia é differente.

É de presumir, portanto, que naquellas espécies onde os prothallos de n chromosomas se encontram intercallados nos tecidos do soma, se faça sentir sôbre a *morphologia* dos indivíduos a acção modificadora daquelles parasitas.

Nos casos em que o parasita e o hópede sam de espécies differentes, a modificação parasitária depende simultaneamente da natureza dum e do outro. É por isso que a simples inspecção duma *galha* permite muitas vezes determinar não só a espécie infectante como também a espécie hópede.

Compreende-se agora porque é que as modificações morphológicas determinadas pelo parasitismo dos órgãos genitales sam de tam grande importancia na classificação das especies: é porque estas modificações apresentam os caracteres específicos no *segundo grau*.

A acção morphogénica do parasitismo sexual pode ser mais ou menos geral conforme a organização dos indivíduos considerados. Assim, as condições especiaes da cir-

culação e a pouca influência que as modificações locais têm sobre os pontos vizinhos do organismo limitam muito — nos vegetaes phanerogámicos, por exemplo — o effeito morphogénico dos prothallos de n chromosomas. As flores sam, ás vezes, rodeadas por verticillos de *folhas floras*, mas as modificações não se estendem, em geral, a todo o organismo.

Nos animaes, e principalmente nos animaes superiores a correlação íntima que existe entre todos os pontos do organismo tem por consequencia uma generalização maior da acção morphogénica do parasitismo sexual.

Também os caracteres sexuaes podem apparecer em *qualquer* ponto, por mais afastado que seja daquelle onde se encontram os prothallos parasitas (glândulas genitales).

Até aqui temos unicamente fallado da acção dos órgãos genitales sobre a morphologia individual, mas os prothallos de n chromosomas têm também uma acção importante sobre a physiologia dos indivíduos.

Todos sabem que, pelas toxinas produzidas, uma cultura injectada em qualquer ponto do organismo exerce acção sobre toda a economia.

Chama-se *diáthese sexual* (PATRICK GEDDES), ao conjuncto dos phenómenos, tanto morphológicos como physiológicos, determinados pelo parasitismo dos elementos sexuaes.

A acção da diáthese sexual exerce-se principalmente em dois períodos distinctos: o primeiro, corresponde ao apparecimento dos prothallos de n chromosomas no interior dos tecidos do hóspede; o segundo, corresponde ao apparecimento de elementos sexuaes maduros nesses prothallos — *puberdade*.

A duração da diáthese sexual é variavel: pode durar tanto como o hóspede — é o caso dos machos dos mammíferos e das aves; ou pode terminar antes da morte do hóspede — succede assim com as fêmeas daquelles animaes.

Neste caso, deixando as glândulas de segregar certas *toxinas* que lançavam no organismo, determinam-se pre-

turbações, — na mulher sam conhecidas por *menopausa*, — que se podem evitar (ou se podem pelo menos atenuar) pela injeccão de *ovarina*, extrahida dos ovários da Cobaya, por exemplo.

Este facto tem importância por mostrar que a palavra *fêmea* tem uma significação absoluta, independentemente da espécie (1).

A *maturação sexual* é também periódica e a diáthese augmenta de actividade nesses períodos. É o que acontece na mulher com as perturbações *menstruaes* que acompanham a maturação dos óvulos.

No homem, a maturação dos elementos sexuaes parece contínua, mas nos machos dos outros animaes é também periódica, pelo que a diáthese sexual manifesta nessas occasiões uma recrudescência na sua actividade. Referimo-nos às modificações morphológicas (*parure de noces*) que acompanham o *cio*.

As diferenças determinadas nos organismos por influencia dos órgãos genitales sam, por vezes, enormes; bastam os dois exemplos seguintes para que possamos avaliar da sua extensão.

Em certos Crustáceos as fêmeas sam mil vezes mais volumosas do que os machos da mesma espécie. O macho da *Bonellia* é tam microscópico que se aloja no pavilhão da trompa da fêmea, onde vive como parasita.

As experiencias de *castração* mostram dum modo evidente a *influência parasitária* dos órgãos genitales.

A ablação dos elementos genitales a um indivíduo qualquer, elimina toda a acção morphogénica que esses elementos poderiam exercer, mas deixa adquiridos, sob a influencia da diáthese sexual, certos caracteres que tinham sido determinados antes da experiencia.

(1) Veja-se também o que diz DANTEC àcerca da significação do termo *macho*; queremos referir-nos aos phenómenos de *pseudogamia*.

Casos ha em que a ausencia dum esquelêto sufficiente-mente duro e persistente pode fazer desaparecer no indivíduo castrado todos os caracteres exteriores próprios do sexo. Estám neste caso os indivíduos sujeitos a *mudas* (Crustáceos, etc.).

As experiências de castração sam muito delicadas e por isso comprehende-se bem que, sem o auxílio de processos especiaes, não se poderiam effectuar com éxito seguro na maioria dos casos.

Esta difficuldade foi remediada, em parte, pela descoberta (GIARD) da *castração parasitária*, que pode ser *directa* — pela infiltração do parasita na substância das glândulas genitales; ou ter logar a *distância* — o parasita implanta-se em qualquer ponto do organismo do hóspede e determina a regressão dos órgãos genitales.

Vê-se bem que se trata duma *luta pela existência* entre dois parasitas de natureza differente que se alimentam dum mesmo hóspede; por isso o menos bem adaptado terá de succumbir — neste caso é o órgão genital que morre.

Um dos exemplos mais vulgares deste facto encontra-se no parasitismo dos *Epicarídios* sobre os *Camarões* e *Caranguejos* (1).

No estudo das alterações morphológicas da castração é pois de toda a conveniencia servirmo-nos da castração parasitária.

Como exemplo interessante de alterações morphológicas sensiveis, determinadas pela castração parasitária, citaremos a castração dos *Caranguejos* pela *Sacculina*.

Os Caranguejos do sexo masculino differem dos do sexo feminino pelas menores dimensões e número de segmentos do abdomen; mas desde que uma *Sacculina* se fixou sôbre um indivíduo, os órgãos genitales entram em regressão e à primeira muda os caracteres sexuaes do abdomen do

(1) F. LE DANTEC, obr. cit., pag. 201.

Caranguejo masculino têm desaparecido e a nova forma aproxima-se muito da forma feminina.

Numerosas outras experiências de castração mostram que os indivíduos castrados tendem a approximar-se da forma feminina.

No mesmo sentido de mostrar a acção morphogénica dos órgãos genitales, podemos citar o polymorphismo de certos *Papilionídeos* das Ilhas Malaias.

Estas Borbolêtas têm cinco typos de fêmeas e um só de machos. O que prova tratar-se de formas diferentes e não de raças da mesma espécie é o resultado do cruzamento de qualquer dos typos de fêmeas com um macho; produz-se sempre um macho semelhante ao pae ou uma fêmea dalgum dos cinco typos; não ha *mestiçagem*. Além disso os cinco typos de fêmeas constituem uma série por gradações.

O facto explica-se facilmente: com effeito, se a maturação do elemento feminino é progressiva e pode terminar num estado mais ou menos avançado, é perfeitamente admissivel que prothallos susceptiveis de dar óvulos mais ou menos maduros tenham, sob o ponto de vista da diáthese sexual, *graus de virulencia diferentes*.

Podem obter-se todos os typos de fêmeas, por intermédio de qualquer typo escolhido para reproductor, o que mostra não ser hereditário o grau de virulência.

Do mesmo modo e pelas mesmas razões, se comprehende perfeitamente como dentro da espécie humana possam existir todas as transições entre as mulheres que sam constituídas como homens e as que têm no mais alto grau os caracteres do seu sexo.

CAPÍTULO II

Determinismo do sexo

O problêma da determinação dos sexos não é sem interesse para o fim que temos em vista; por esse motivo faremos uma exposição tam completa quanto possivel do que a tal respeito ha de positivo.

Sabe-se que os elementos sexuaes provêm de gerações de n chromosomas e que, no caso mais geral, se podem considerar como parasitas dum *soma* constituído por uma agglomeração plastidária de $2n$ chromosomas.

Como porém ha casos em que os prothallos parasitas sam susceptiveis de vida independente, é lógico tentar a resolução do problêma por este lado por ser mais facil.

Nos Fetos cada esporo, idéntico a todos os outros, produz um prothallo livre, e os elementos masculinos e femininos apparecem em pontos differentes de cada prothallo.

Sam completamente desconhecidas as razões que determinam o apparecimento de elementos genitae de sexos oppostos em pontos differentes do mesmo prothallo.

Nas *Cavallinhas* todos os esporos sam idénticos, pelo menos aparentemente, mas (sob a influéncia das condições de meio?) uns dam prothallos minúsculos onde se differenciarám os elementos masculinos, outros dam prothallos de maiores dimensões onde se passa a evolução dos elementos femininos.

Neste caso, do mesmo modo que no anterior, a nossa ignorância, a respeito das causas determinantes do appa-

recimento de tal ou tal sexo no prothallo proveniente de tal ou tal esporo, é completa, mas já sam possíveis experiencias (1).

Um caso em que o sexo está determinado no esporo encontra-se nas *Salvínias*. Este facto, juntamente com a natureza dos receptáculos que encerram os microsporos e os macrosporos, permite levantar a seguinte questão: À parte as dimensões do esporo não haverá também uma differença de estructura capaz de preparar o apparecimento dum determinado sexo?

Como se vê, no caso mais simplez, as difficuldades sam enormes e mais se complicam ainda nos organismos superiores, onde o parasitismo das gerações de n chromosomas tem uma influencia preponderante não somente sobre a morphologia mas também sobre a physiologia da geração hóspede.

Nos animaes ha varias espécies de parasitismo sexual. Umaz vezes — *Caracoes*, *Minhocas*, *Sanguessugas*, etc. — as glândulas genitaez dum mesmo individuo dam elementos maduros dos dois sexos (*hermaphrodismo*); outras vezes, é o caso mais geral, os sexos sam separados — cada individuo possui uma só espécie de glândulas genitaez que produzem uma única espécie de elementos reproductores — óvulos ou espermatozoides.

Do caso do hermaphrodismo conhecem-se várias modalidades: nos *Caracoes*, uma mesma glândula — a *glândula hermaphrodita*, produz elementos dos dois sexos — é perfeitamente comparavel ao prothallo dos *Fetos*; nas *Sanguessugas* ha dois *ovários* que produzem exclusivamente óvulos e vários pares de *testículos* que fornecem os *espermatozoides*. Este último caso tem o seu paralelo nos prothallos das *Cavallinhas* — o ovário corresponde a um prothallo feminino e o testículo a um prothallo masculino.

(1) DANTEC, no seu *Traité de Biologie*, pag. 344, refere-se ao facto, dizendo que estão presentemente sendo tentadas, por um dos seus discipulos, as experiencias em questão.

Certos auctores pretendem que o estado unisexual resultasse dum hermaphroditismo primitivo por atrophia de todos os prothallios dum dos sexos.

Certos factos (1) parecem confirmar aquella hypóthese que, nem por isso se deve considerar como absolutamente geral. O exemplo das *Cavallinhas* é sufficiente para provar o que dizemos.

A acção morphogénica dos elementos sexuaes, determinando o apparecimento daquillo que ordinariamente se designa por *caracteres sexuaes secundários*, eleva a um alto grau de importância, tanto theórica como prática, o problêma da determinação do sexo.

As razões sam faceis de comprehender se attentarmos nas enormes differenças que separam os dois sexos na espécie humana. Torna-se pois duma necessidade urgente, para que as conclusões tenham a clareza necessária, expôr com nitidez as condições do problêma e examinar minuciosamente todas as questões que resultarem dessa exposição.

Dissemos que o óvulo fecundado contém quantidades iguaes dos dois sexos e que a sua segmentação produz uma agglomeração plastidária cujos elementos contêm, do mesmo modo, os dois sexos em quantidades iguaes. Destes elementos, uns têm sempre $2n$ chromosomas e constituem o soma do novo indivíduo, outros, situados em *pontos determinados* (2) do corpo, sam as células mães dos elementos genitales.

(1) Nos Sapos encontra-se, normalmente, ao lado dum testículo puramente masculino, um resto de ovário nitidamente feminino. Em certos animaes o hermaphroditismo é *successivo*, isto é, os elementos dos dois sexos não attingem a maturidade ao mesmo tempo. A *Myxina*, por exemplo, durante os primeiros períodos da sua existência é masculina e depois, para a velhice, torna-se feminina.

(2) Sublinhamos a phrase — *pontos determinados* — para frisar melhor a existência duma certa relação entre a génese do sexo e

Trata-se agora de saber :

α) Se as células de n chromosomas podem indifferentemente produzir elementos masculinos e elementos femininos (theoria do hermaphrodisimo primitivo).

β) Ou se as células de n chromosomas estão já determinadas no sentido masculino ou feminino não tendo o sôma nada que vêr com a determinação do sexo, que resultaria fatalmente da *natureza* daquellas células.

No primeiro caso o sexo não estaria determinado no ôvo; a unisexualidade resultaria de desaparecimento dos elementos capazes de produzir um dos sexos. Como, por outro lado, se conhecem em cada espécie indivíduos de dois sexos, conclue-se evidentemente que é o sôma de cada indivíduo que determina o sexo dos prothallos capazes de viver no seu interior, isto é, *o soma de cada individuo teria em si uma particularidade que obrigaría os seus prothallos a ser dum determinado sexo*. Por outro lado, a morphologia individual seria devida à influéncia recíproca daquelles prothallos.

No segundo caso, como as células de n chromosomas derivam, do mesmo modo que as somáticas, dum ôvo inicial, pode ainda perguntar-se: se o seu sexo estaria já determinado no ôvo; ou se resultaria das circunstancias que actuáram sôbre o embryão desde o princípio da segmentação até ao seu apparecimento.

Suppondo mesmo que a experiéncia já tivesse decidido qual dos casos (α ou β) era o verdadeiro, ainda assim, a solução do probléma não estava completa.

Com effeito, supponhamos que era certo estar o sexo determinado no ôvo; teríamos immediatamente as seguintes questões a resolver.

a topographia do ponto onde se formam os elementos genitae. Nas Sanguessugas e nas Minhocas é perfeitamente determinada a situação dos órgãos genitae dos dois sexos. Em muitas plantas nota-se também a mesma *fatalidade* de posição dos elementos reproductores.

A determinação do sexo será devida ao facto do óvo produzir um sôma no qual sômente podem prosperar os elementos dum dos sexos (theoria do hermaphrodisimo primitivo); ou será devida ao facto das células de n chromosomas, provenientes da segmentação do óvo, não poderem, como os microsporos da Salvínia, produzir senão elementos dum dos sexos?

Neste último caso aífda ficaria de pé a questão de saber porque é que células, que contêm necessariamente os dois sexos, estão condemnadas à maturação num certo sentido.

Imaginemos que, pelo contrário, era a influéncia da educação a causa determinante do apparecimento de tal ou tal sexo.

Resta aífda incógnito se será a educação quem produz um sôma no qual sômente um sexo pode prosperar; ou se a educação conduz a células de n chromosomas, como os microsporos da Salvínia, que não podem produzir mais do que um sexo.

O estudo das plantas *Phanerogámicas* vae lançar uma certa luz sôbre tam intrincado problêma.

É sempre em pontos bem determinados de cada indivíduo que tem logar o desenvolvimento dos órgãos genitales. Já pusemos esta particularidade em relêvo e vae-nos agora ser de bastante utilidade.

Em certas plantas as flôres não produzem senão elementos dum sexo; umas só dam elementos masculinos e outras sômente produzem elementos femininos. Sam as chamadas plantas *monoicas*.

Visto que as duas categorias de flôres se produzem em pontos differentes da mesma planta, é porque esta é apta para indifferentemente dar origem a flôres masculinas ou femininas; o *sexo de cada flôr resultará evidentemente das condições topográficas realizadas nos differentes pontos do vegetal.*

Nos vegetaes *dioicos* (Choupo, Salgueiro, etc.) cada

planta produz apenas flôres dum dos gêneros; ha pés que dam unicamente flôres masculinas, outros que só produzem flôres femininas.

Neste caso, nada temos que vêr com as condições particulares realizadas nos diferentes pontos da mesma planta; *em toda a extensão do mesmo vegetal ha condições particulares que impedem o desenvolvimento dos elementos dum dos sexos.*

Estas condições podem porém estar na dependência das circunstâncias ambientes: — é o que mostra o facto observado da *mudança de sexo por transplantação*, e o exemplo de certas *Papayáceas*, que *mudam de sexo quando se lhes corta a ponta* (1).

Comó se vê, trata-se de casos em que a *repercussão do soma sôbre os órgãos genitales determina o sexo dos productos* desses órgãos, isto é, ha em certos casos um *sexo somático* (conjuncto de condições que resultam da natureza do soma asexuado), que determina o *sexo genital*. O que não impede que a acção morphogénica do sexo genital determine os *caracteres sexuaes secundários*.

Para os animaes tem-se também reconhecido a influên-

(1) SPEGAZZINI observou com tres espécies (*Cayaponia ficifolia* ♀ Cogn., *Dioscorea bonariensis* ♀ Fenore, *Clematis Hilarii* ♀ Spreng.) o facto interessante da transformação de plantas dioicas em plantas monoicas ou hermaphroditas.

Em seguida a uma transplantação (um anno depois — janeiro de 1898), os pés de *Cayaponia* tinham simultaneamente flôres masculinas e flôres femininas; nas *Clematis*, uma parte dos estaminodios apresentavam antheras bem desenvolvidas; finalmente uma grande parte das flôres femininas de *Dioscorea* tinham-se tornado hermaphroditas.

BLAVET observou também a mudança de sexo por transplantação na *Phladiantha dubia* Bunge — Curcubitácea dioica como a *Cayaponia*.

BORDAGE viu pés masculinos de *Mamoeiro* dar flôres femininas e fructos, cortando o caule pela altura em que deviam apparecer as flôres masculinas. (*L'année biologique*, VI, 1901).

cia indiscutível das circunstâncias ambientes sôbre a determinação do sexo somático. A *Myxina* livre é masculina; quando parasita é feminina.

Resumindo, temos portanto o seguinte problêma a resolver :

Como é que dum ôvo que contém os dois sexos, deriva um soma, de elementos axesuados, que possui um sexo somático determinado, isto é, que realiza um tal conjuncto de condições que sômente podem prosperar no seu interior os prothallos dum dos sexos?

Neste sentido têm sido effectuadas numerosas experiências e dellas vamos citar algumas que nos pareceram mais interessantes.

YUNG sujeitou *gyrinos* de Rã (*Rana esculenta*) a regimens variaveis de alimentação e obteve os resultados seguintes:

Gyrinos sujeitos a uma alimentação vegetal	43 ^o / _o de machos;
Gyrinos sujeitos a uma alimentação de carne de vacca.....	22 ^o / _o de machos;
Gyrinos sujeitos a uma alimentação de carne de peixe.....	19 ^o / _o de machos;
Gyrinos sujeitos a uma alimentação de carne de rã.....	8 ^o / _o de machos.

Vê-se pois, que dos 43 indivíduos que em condições normaes (alimentação vegetal) se tornavam masculinos, sômente 8 adquirem tal sexo quando sujeitos a um regimen de carne de rã. Haveria portanto naquelles 43 indivíduos 35, pelo menos, para quem o sexo somático não estava determinado no ôvo.

Por isso concluimos que: — «*Il y aurait donc, dans les œufs de Grenouille, certains types moyens qui, sous l'influence de certaines conditions de nutrition, seraient capables de donner indifféremment le sexe somatique mâle ou femelle et quelques types extrêmes (les 8 de l'expérience de YUNG) qui, fatalment, donneraient toujours un sexe so-*

matique déterminé, quelles que fussent d'ailleurs les conditions de l'éducation» (1).

Segundo as experiências de M.^{me} TRÉAT os machos das Borbolêtas resultariam de lagartas sujeitas a dieta, enquanto as fêmeas proviriam de larvas abundantemente nutridas (2).

As experiências sôbre os *Mammíferos* sam duma dificuldade bastante grande, em virtude da influência da gestação intra-uterina a que a maior parte estâm sujeitos, e durante a qual tem sempre logar a determinação do sexo.

Um facto porém é interessante e digno de attenção:

Nos *Mammíferos múltiparos* apparecem muitas vezes na mesma *ninhada* individuos de *sexos diferentes*; e como as circunstâncias em todos os pontos do mesmo útero devem ser proximamente iguaes, pode concluir-se que quem determina o sexo do producto é a natureza do ovo.

Poder-se ia objectar que as condições de nutrição nos diferentes pontos do mesmo útero não sam análogas e que por conseguinte essas differenças seriam sufficientes para determinar o sexo.

Um facto porém parece oppôr-se a esta conclusão: os *gêmeos verdadeiros*, isto é, os descendentes dos dois primeiros blastómeros dum óvulo fecundado, sam do *mesmo sexo*, ao passo que os outros gêmeos — provenientes de ovos diferentes, sam, *na maioria das vezes*, de sexos diferentes. Isto parece provar que a *natureza do ovo influe sôbre o sexo do producto*.

(1) DANTEC, *Traité de Biologie*, pag. 360.

(2) RILEY, CUÉNOT, POULTON, etc. consideram estas experiências como errôneas. POULTON observa que o excessó de machos fornecido por lagartas mal nutridas, se explica pela morte dum grande número de fêmeas que exigem para a sua evolução uma maior quantidade de alimentos que os machos. (*L'année biologique*, VII, 1902).

O caso da reprodução parthenogénica vai elucidar um pouco mais o mysterio da determinação dos sexos. Porém, em primeiro lugar, faremos uma observação que é bastante essencial.

Muitos auctores consideram, indevidamente, os indivíduos parthenogénicos como fêmeas, pelo simples facto de se assemelharem mais a fêmeas do que a machos. Daqui resulta terem-se muitas vezes confundido as condições determinantes da sexualidade (machos e fêmeas verdadeiros), com as condições que determinam o apparecimento do sexo masculino, porquanto o sexo feminino tinha (naquella hypóthese) sempre existido durante a reprodução parthenogénica.

Assim, por exemplo, nas *Dáphnias*, durante o verão, existe a parthenogénese e os indivíduos succedem-se asexuados, mas logo que as condições se tornam más, apparecem machos verdadeiros e fêmeas verdadeiras que, fecundando-se, produzem os chamados ovos de inverno, donde, na primavera seguinte, nascerám novos indivíduos parthenogénicos. A estes indivíduos tem-se chamado fêmeas, quando, por justas razões, só merecem tal nome os indivíduos que põem óvulos susceptiveis de ser fecundados.

A rainha das Abelhas é porém uma fêmea parthenogénica, visto que os seus óvulos sam fecundaveis e parcialmente parthenogénicos.

Este caso é até interessante por ser um em que o *sexo somático está determinado no ovo*. Os parthenogonos da rainha das Abelhas *dam sempre machos*. Este facto é ainda interessante por mostrar como o *sexo somático* é independente do *sexo genital* — sam, com effeito, *os ovos que contêm menos substância masculina, que determinam o sexo masculino*.

No caso das *Dáphnias* sabe-se que, no fim dum certo número de gerações parthenogénicas, apparecem os machos e as fêmeas, mas, o que ainda se não sabe, é se *os indivíduos provenientes da última geração sam idénticos*

entre si e quem portanto *determina o sexo* sam as *condições exteriores*; ou se os *últimos indivíduos parthenogénicos*, attingidos pelas más condições, dam *parthenogonos de dois typos*, que conduzam separadamente aos dois sexos.

Nos *Rotíferos* as gerações parthenogénicas *alternam* sempre regularmente com as gerações *sexuadas*, isto é, os óvulos fecundados dam indivíduos parthenogénicos cujos parthenogonos fornecem immediatamente indivíduos *sexuados*.

O que é interessante, é o sexo destes indivíduos estar já determinado, não nos parthenogonos donde provêm directamente, mas no indivíduo parthenogénico que produziu esses parthenogonos.

Com effeito, nos *Rotíferos*, ha dois typos de indivíduos parthenogénicos — uns dam só machos, outros unicamente fêmeas.

A rainha das Abelhas é pois comparavel a um *Rotífero* que só *põe ovos masculinos*, porque ambos dam machos, a não ser que, no caso das Abelhas, sobrevenha um phenómeno accidental — a fecundação.

A reprodução das Abelhas vae ainda dar-nos mais alguns esclarecimentos importantes para o probléma que tratâmos de resolver.

Um óvo de Abelha é uma célula completa — visto ser susceptível de se desenvolver parthenogénicamente, mas já soffreu uma maturação no sentido feminino.

Nos casos em que não ha fecundação, o indivíduo produzido é um macho, ao passo que quando tal phenómeno se dá apparece uma fêmea — *rainha* ou *obreira* conforme as circunstâncias.

Temos pois que, no caso das Abelhas, o *óvo maior*, que contém mais substância viva (pois à parte completa que o óvo já continha se juntou a nova parte completa proveniente da fusão do espermatozoide com a parte feminina do óvo), produz uma fêmea; o *óvo menor* determina um macho.

Este mesmo facto se verifica na maioria dos casos em que ha uma predeterminação do sexo somático no ôvo. Assim nos Rotíferos, os parthenogonos que dam machos sam consideravelmente mais pequenos do os que dam fêmeas.

Até mesmo nos prothallos de vida livre, quando o sexo somático está determinado no espóro, o *microsporo* dá sempre um prothallo *masculino* ao passo que o *macrosporo* produz um prothallo *feminino*.

Parece pois que o sexo somático feminino pertence a aglomerações plastidarias provenientes de elementos iniciais mais volumosos do que os que conduzem a indivíduos do sexo masculino (DANTEC).

Ha porém excepções entre as quaes citaremos o caso das *Phasmas* de SINEY — os indivíduos provenientes dos ovos parthenogénicos sam fêmeas.

Tudo quanto temos dito mostra que o agente, o *quid proprium*, que determina o sexo somático masculino ou feminino, se faz acompanhar por condições que dam ao plastídio inicial (ôvo) um pequeno volume, ou grandes dimensões, conforme *esse factor* determinar o sexo masculino ou o sexo feminino.

Resulta também dos factos apontados que esse *quid proprium* deve ser de *naturêza physica*, e resultar da maneira como o espermatozoide fecunda o óvulo ou de qualquer outra causa. O momento em que este agente entra em acção é muito variavel, existindo todas as transições entre a *precocidade extrema* (Hydatina) na determinação do sexo somático e o *atrazo extremo* nessa determinação (Caracol, Feto, etc.).

Como dissémos, é provavel que, nos casos em que o sexo está determinado no ôvo, a orientação physica que determinou o sexo resultasse da fecundação; mas ha casos (hermaphrodismo) em que o seu apparecimento é mais tardio. Esta orientação pode além disso ser modificada por uma variação nas condições ambientes, como tem logar para o hermaphrodismo successivo da *Myxina* e

como succede com certas *Papayáceas* a que se cortou a ponta.

As theorias de THURY, DÜSING, SCHENK, etc., sôbre a determinação do sexo, deixam o problêma por resolver, além das numerosas objecções a que dam logar.

Excluido o principio de *autoregulação* demonstrado por DÜSING, nada mais resta de positivq daquellas theorias.

CAPÍTULO III

Anatomia e Physiologia da mulher

Diferenças sexuaes na escala animal. — Na escala zoológica as diferenças sexuaes sam muitas e variadas; nos mais baixos graus da animalidade é bastante difficil reconhecê-las, mas à medida que subimos na série os dois sexos vam-se diferenciando cada vez mais.

Primeiramente encontra-se uma superioridade pronunciada do sexo feminino, depois o macho, approximando-se successivamente da fêmea, alcança (*Mammíferos*) o primeiro logar.

Assim, por exemplo, o macho da *Bonellia viridis* é mil vezes mais pequeno que a fêmea e vive, o que já tivemos occasião de dizer, como parasita no pavilhão da trompa; os machos de certas *Borbolêtas nocturnas* e dalguns Crustáceos (*Tanais*), têm a bôcca imperfeita, fechada, não podendo portanto nutrir-se, pelo que estão condemnados a uma morte precoce; aos machos de muitos Rotíferos falta a totalidade do tubo digestivo.

Certos Crustáceos (*Anilocera*), parasitas dos Peixes, apresentam o phenómeno curioso do hémaphrodismo successivo; os indivíduos, masculinos durante os primeiros períodos da vida, tornam-se femininos quando têm attingido o desenvolvimento completo. Em quasi todas as espécies de Brachiópodos as fêmeas sam muito mais numerosas, maiores, mais fortes e duma estructura mais

complexa; nalgumas (*Apus*) só ha pouco tempo se descobriram os machos (BREHM).

Como estes, poderíamos citar dezenas de outros exemplos, porque a lista é interminavel.

Esta superioridade primitiva da fêmea justifica-se plenamente pelo papel mais importante que ella desempenha na reprodução.

Não é sòmente nos animaes inferiores que se encontra esta superioridade da fêmea, em força e volume. A fêmea das Aranhas é, com raras excepções (*Argyroneta aquatica*) maior e mais forte que o macho, que muitas vezes é devorado pela sua *cara metade* quando pretende fecundá-la. Nos Hemipteros é notória a superioridade da fêmea.

Nas Abêlhas, Vêspas e Formigas, toda a organização social, que é muito complicada, repousa na superioridade da fêmea.

Todos sabem que é a raíinha das Abelhas, fêmea reproductora por excellencia, que tem mais longa vida (cinco annos); as obreiras vivem sete mēses e os machos quatro.

Sam as obreiras (fêmeas infecundas) que tēem todo o trabalho social, ao passo que os machos (*zangãos*) tēem por fim único fecundar a raíinha. É bem frisante a inferioridade do macho, pois uma só fecundação basta para toda a vida duma raíinha.

Agora um outro facto que parece estar em contradição com o que até aqui temos dito, mas que é facil de explicar.

Mesmo naquellas ordens onde os machos sam, a muitos respeitos, inferiores às fêmeas, se nota uma maior differenciação dos orgãos dos sentidos e dos apêndices da locomoção no sexo masculino. Isto é effeito, e é também prova da parte mais activa que tem o macho no phenómeno da reprodução. O macho é sempre quem procura a fêmea e da luta sexual resulta a sua maior differenciação (BROOKS). Nos Insectos é um facto vulgaríssimo.

Nos Coleópteros (*Lampyris*), na *Cochonilha* e nos Lepidópteros (*Psychia*) sòmente os machos é que tēem asas.

Segundo CAMERANO, os machos dos Coleópteros, apesar

de mais pequenos, apresentam caracteres sexuaes mais numerosos e variados: antenas, palpos, côres, phosphorescência, armas, etc.

É nas Aves que se manifesta nitidamente a superioridade do macho sôbre a fêmea, superioridade que já existia nalguns insectos (*Lucanus elaphus*). Como exemplo, citamos o *Cicloramphus cruralis*, cujo macho é duas vezes maior que a fêmea.

Onde a superioridade do macho sôbre a fêmea attinge o seu máximo é nos Mammíferos, e principalmente nos *Primatas*.

Nos Mammíferos os machos sam sempre mais fortes, e maiores do que as fêmeas (DARWIN). O Leão é maior e mais forte que a Leôa; tem uma juba, os seus dentes e as suas garras sam mais fortes, e possui ainda o exclusivo duma arma terrivel — o *rugido*.

As fêmeas dos Veados não têm *cornos*, ou se os têm, sam rudimentares. Nos outros Ruminantes, os machos sam sempre providos de melhores defêsas.

A fêmea do Gorilla é mais baixa (cêrca de 0^m,50) do que o macho; o seu crânio é mais pequeno, mais arredondado, de menor pêso e de saliencias menos pronunciadas. Os músculos sam menos angulosos; os pés e as mãos sam mais fracos; as pernas sam mais finas; pelo contrário, os ossos da bacia sam mais largos, mais chatos e menos cóncavos interiormente.

A fêmea do Chimpanzé apresenta as mesmas características (HARTMANN).

A fêmea do Orango é também mais pequena, o seu crânio quasi não possui cristas ósseas, o maxillar superior é mais baixo, o maxillar inferior é mais pequeno, etc.

Certos *feministas* exaltados, na ância de arranjar argumentos com que possam sustentar as suas convicções, negam formalmente a existência de differenças sexuaes, quer psychicas quer morphológicas.

Assim NOVICOW (1), diz: — «... dans le vaste domaine de la zoologie, les différences entre les facultés mentales des mâles et des femelles sont absolument imperceptibles. La dissemblance des forces physiques s'observe même assez rarement».

Ora a exposição que fizemos mostra, à evidência, com exemplos frisantísimos, o valor morphogénico indiscutível da *diáthese sexual*, e, como é absurdo suppôr que indivíduos morphològicamente dissemelhantes possam ser psychicamente idénticos, demonstrada a existência de diferenças morphològicas, demonstrada fica a existência de diferenças psychicas correlativas. A questão toda resume-se em saber *qual o valor dessas diferenças*.

Resumindo: — Existe nos animaes inferiores, do lado do sexo feminino, uma superioridade pronunciada, que se estende até às aves; mas quando attingimos as culmínancias da escala zoològica, o macho occupa sem contestação o primeiro lugar. Naquellas espécies em que o sexo feminino é mais forte, nota-se ainda nos machos uma maior variabilidade e perfeição de estrutura.

Estes dois factos, que parecem estar em contradição manifesta, sam porém o mais concordes possível.

Se attentarmos um pouco nos encargos differentes que os machos e as fêmeas têm no phenómeno da reprodução, encontraremos immediatamente a sua explicação.

Porque o macho tem de procurar a fêmea e lutar para a sua posse, deve também ser *mais movel* e possuir melhores defêsas. Pelo contrário a fêmea, a quem compete o papel mais importante da reprodução (nutrir a parte de si mesma destinada a transformar-se no novo sêr), deve, pelo menos primitivamente, ser mais forte, mais volumosa e menos diferenciada, conforme explica SPENCER — por virtude do antagonismo entre a reprodução, o crescimento e a estatura (2).

(1) *L'affranchissement de la femme*, pag. 40.

(2) SPENCER, *Principes de Biologie*, vol. II, pag. 505-515.

Por isso é que MILNE EDWARDS nota, que as diferenças entre as espécies dum mesmo género sam mais evidentes nos machos do que nas fêmeas. Assim tem uma explicação científica o aphorismo de *criadores: o macho dá a variedade e a fêmea a espécie.*

É pelo mesmo motivo que MILNE EDWARDS também diz: *a fêmea representa o typo médio da espécie.*

As diferenças sexuaes na espécie humana. — *Pêso e estatura.* — Nas raças humanas as mulheres sam, em geral, inferiores aos homens em *pêso e estatura.*

A seguinte tabella indica a estatura média dos dois sexos em varias raças e populações.

Populações ou suas pátrias	Estatura do homem	Estatura da mulher
Patagões.....	1855	1602
Inglêses.....	1723	1624
Bolonhêses.....	1696	1553
Cosacos.....	1687	1548
Belgas.....	1684	1579
Modenenses.....	1679	1556
Sardos.....	1649	1508
Habitantes da Itália septentrional.....	1648	1531
Habitantes da Ilha do Almirantado.....	1646	1549
Australianos.....	1620	1580
Insulares das Palaos.....	1620	1520
Habitantes da Terra do Fôgo.....	1612	1522
Insulares das Carolinas.....	1605	1420
Habitantes da Itália meridional.....	1604	1521
Papuas.....	1600	1500
Esquimaus.....	1591	1554
Vedas (Ceylão).....	1537	1448
Andamanenses.....	1520	1470
Akkas.....	1520	1360
Boschimans.....	1444	1395

Para a estatura ha uma differença média (Europeus) de 10 centímetros e para o pêso uma differença média de 5 kilogrammas (1). Segundo PLOSS (2), ao nascer, os machos sam quasi 1 centímetro mais compridos que as fêmeas (m. 0^m,499; f. 0^m,489); pelo contrário, na época da puberdade, as fêmeas não só igualam os machos, mas até muitas vezes os excedem. Uma donzella de 16 a 17 annos é tam alta como um adolescente de 17 a 18 annos.

Este facto caracteriza a precocidade do desenvolvimento das mulheres, precocidade que é posta bem em evidência pelo seguinte quadro (3), no qual se resumem as observações de PLOSS, PAGLIANI, QUÉTELET, BODWITCH e AXEL-KEY.

	Idade do máximo desenvolvimento	
	Mulheres	Homens
Pêso.....	dos 12 aos 14 annos	dos 14 aos 16 annos
Estatura.....	» 12 » 13 »	» 12 » 15 »
Capacidade vital....	» 12 » 15 »	» 15 » 17 »
Fôrça muscular.....	» 12 » 14 »	» 14 » 15 »

Ainda mais. Esta precocidade no desenvolvimento da mulher é constante em todas as raças, em todos os países e climas, e mantém-se, com ligeiras differenças, em todas as classes sociaes.

Na idade madura, a estatura, o pêso, a capacidade vital e a circumferência thorácica sam quasi sempre menores na mulher. Nos dois sexos os números que exprimem aquellas grandezas, estão entre si

Segundo TENON	como 88,5 está para 100
» KRAUSE	» 81,0 » 100
» outros auctores...	» 84,9 « 100

(1) HENRI MARION, *Psychologie de la Femme*, pag. 51.

(2) Citado em LOMBROSO e FERRERO — *La femme criminelle et la prostituée*, pag. 15.

(3) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 16.

Pelo que respeita às proporções das diferentes partes do corpo, a seguinte tabella de KRAUSE, indica as diferenças nos dois sexos:

	Macho	Fêmea
Altura do corpo	173	162
Do vertex ao umbigo	69	65
Altura da cabeça (lado anterior).....	22	20
" " (lado posterior).....	14	13
Altura da face anterior do pescôço.....	11	10
Circunferência do pescôço.....	34	32
Largura dos hombros	42	35
Altura da parêde anterior do ventre ..	31	34
Do epigástro ao umbigo	18	18
Distância entre as regiões ilíacas.....	27	27
Comprimento do braço	32	30
" do antebraço.....	27	24
" da mão	20	18
" da côxa da região ingui- nal ao joelho	47	40
Comprimento da perna do joelho ao calcanhar.....	49	41
Comprimento do pé.....	26	23

Esquelêto. — Às diferenças no esquelêto sam tam importantes, tam nítidas e precisas, que se pode facilmente reconhecer entre dois esquelêtos, das mesmas dimensões e sexos diferentes, qual o feminino.

Os ossos da mulher sam *menos duros*, mais *delgados e delicados* do que os do homem; as *cristas* e *apóphyses* sam menos pronunciadas; as *impressões*, *gotteiras* e *depressões* sam menos nítidas, em consequência da menor musculatura feminina.

A *porção lombar* da columna vertebral é mais alongada; as *apóphyses transversas* das vértebras sam menos direitas e ligeiramente inclinadas para trás; o *canal rachidiano* e os *buracos de conjugação* sam mais pequenos.

O *thorax* é mais curto, mais estreito, menos espaçoso e mais movel; o *esterno* é proporcionalmente mais estreito

e comprido; as *costellas* sam mais finas e de bordos mais aguçados; na mulher a 6.^a costella é movel (1).

As *omoplatas* sam mais afastadas do tronco; as *clavículas* sam mais baixas e menos recurvadas.

A *larynge* é mais pequena, mais elevada e estreita; as *cordas vocaes* sam um terço mais curtas, donde resulta uma *voz mais aguda*.

A *bacia* apresenta differenças características: é mais larga (14 millímetros em média), menos profunda e menos inclinada do que a do homem; o *sacro* é menos recurvado, mais cuneiforme, maior, mais movel e saliente.

As differenças sexuaes da bacia, tornam-se mais evidentes pela consideração do chamado *índice ilio-pélvico*

$$\text{Índice} = \frac{\text{Diâmetro transverso da bacia} \times 100}{\text{Distância entre as cristas ilíacas}}$$

O índice ilio-pélvico é mais baixo no homem que na mulher, como mostra o seguinte quadro, construido segundo dados de SERGI:

Raças humanas	Índice ilio-pélvico	
	Machos	Fêmeas
Europeus	46,5	50,8
— Peruanos	50	50
Chinêses	47,7	55,5
— Australianos	42,8	52,7
Negros	46,8	50,8
Nêo-Caledónios	45,6	48,8
— Javanêses	49	50,8
Hindús	44,8	49
— Boschimans	46	55
Andamanenses	47,4	51,7
Esquimaus	44,9	51,9
Lapões	44;4	52,6

(1) LOMBROSO e FERRERO, ob. cit., pag. 19.

Visceras. — O *coração* da mulher é menos pesado e mais pequeno do que o do homem. Segundo ORTH o *pêso* do coração é, em média, de 250 grammas na mulher e de 300 grammas no homem.

O *diâmetro* e *pêso do pulmão* sam menores na mulher; o *pulso* é mais frequente. O *sangue* é menos abundante e differe também pelas suas qualidades: — *menos saes, menos hemoglobina, menor proporção de hemátias, maior número de glóbulos brancos.*

A *temperatura* na mulher é menos elevada que no homem. Produz menos calor porque perde menos, em virtude do seu envólucro de *gordura*. O *apparêlho digestivo* exige menos abundância de alimentos, embora a fome seja mais frequente.

Tecido adipôso. — No homem predomina o systema muscular e ósseo, na mulher o *tecido adipôso* que dá mais graça e redondeza às formas femininas.

Nas raças negras (1) esta *gordura* chega, *por educação* (immobilidade, alimentação especial, pressão), e por *selecção sexual*, a attingir proporções monstruosas.

Nos Hottentotes, Cafres e Boschimans, a *gordura* accumula-se de preferencia nas *nymphas* e *nádegas*, chegando até a constituir um verdadeiro orgão de apoio para o filho, que, naquellas raças, as mães costumam transportar às costas.

A *pelle* da mulher é mais fina, mais macia e menos pubescente que a do homem.

Cabeça. — A *face* da mulher é mais pequena; as *arcadas supraciliares* sam menos pronunciadas; os *diâmetros das orbitas* sam mais pequenos (2).

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 20.

(2) A *physionomia* da mulher, pela *falta de barba* e pela *maior pequenez e arredondado das formas*, é mais infantil, *mais deli-*

O espaço *interorbitário* é menos largo; os bordos do *malar* sam menos grosseiros; a *fossa canina* é menos pronunciada; a *curva dos bordos alveolares* é mais regular; o *maxillar inferior* é menos forte (VEISBACH).

O pêso médio do maxillar inferior é de 80 grammas no homem e 63 na mulher (MORSELLI). Diferenças análogas se notam nas raças selvagens e nos Primatas. No Orango, a mandíbula do macho pesa 103 grammas, a da fêmea 74; no chimpanzé, a mandíbula do macho pesa 74 grammas e a da fêmea 56.

Os limites entre os quaes varia o pêso do maxillar inferior sam mais estreitos na mulher (de 93 a 45 grammas) do que no homem (de 130 a 83 grammas).

O *crânio* da mulher differe, no seu conjuncto, consideravelmente dos crânios masculinos, embora não haja um character typico que lhe seja peculiar; é mais pequeno, menos rugoso e sam menos pronunciadas as inserções musculares e ligamentosas.

As *apóphyses estyloidêas* e *mastoidêas* sam menos fortes e desenvolvidas; as *arcadas zigomáticas* sam menos espessas e mais elegantes; o *buraco occipital* é mais pequeno.

O crânio da mulher pesa sensivelmente menos que o do homem. Segundo MORSELLI o *pêso médio* do crânio é, no homem de 602^{gr},9, na mulher de 516^{gr},5.

A *capacidade* do crânio apresenta diferenças consideraveis nos dois sexos. Eis os números adoptados por DAVIS (1).

	Homens	Mulheres
Nas raças Europeias.....	1367	1206
» Oceánicas.....	1319	1219
» Americanas.....	1305	1187
» Asiáticas.....	1304	1194
» Africanas.....	1293	1211
» Australianas.....	1214	1111

cada do que a do homem. Porém nas idades extremas e nas raças inferiores, as analogias com o macho sam maiores. VIAZZI. obr. cit., pag. 40.

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 24.

Como se vê por estes números, as diferenças sexuaes na capacidade do crânio, augmentam com o desenvolvimento da raça, de modo que a mulher europeia differe mais do homem europeu, pelo que respeita á capacidade do crânio, do que a mulher negra do homem negro.

É esta a opinião de CARL VOGT, e é também o que resalta da seguinte tabella, que representa a capacidade craniana da mulher referida à do homem = 1000.

Negros.....	984 (DAVIS)
Australianos.....	967 »
Hindús	944 »
Malaios	923 (TIEDMANN)
Hollandêses.....	917 »
Irlandêses.....	912 (DAVIS)
Nèò-Caledónios.....	911 (BROCA)
Italianos	921 (MANTEGAZZA)
Slavos	903 (VEISBACH)
Guanches	869 (DAVIS)
Bascos	855 »
Bohémios	875 (KOPERNICKI)
Baixos-Bretões	873 »
Chinêses	870 (DAVIS)
	{ 897 (WELCKER)
Allemaes	{ 878 (VEISBACH)
	{ 838 (HUSCKE)
	{ 864 (TIEDMANN)
Parisienses.....	858 (BROCA)
Anglo-Saxónios.....	862 »
Negros occidentaes	874 »

TOPINARD pretende que estas diferenças sam explicaveis do seguinte modo: a mulher selvagem differe menos, pela estatura, do homem selvagem, do que a mulher europeia differe do homem europeu; por isso, também as diferenças das capacidades cranianas devem ser menores.

O que se dá com as raças repete-se com as espécies. Juntámos, por brevidade, os seguintes números que, dum modo claro, exprimem o que affirmamos. Limitamo-nos

aos Anthropoides que, d'entre os Mammíferos, sam os parentes mais próximos do homem.

As medições sam de CARL VOGT e TOPINARD.

	Capacidade craniana	Diferenças
<i>Orango</i>	{ Macho..... 448 c. c. Fêmea..... 378 " }	...70 c. c.
<i>Chimpanzé</i>	{ Macho..... 417 " " Fêmea..... 370 " }	...47 "
<i>Gorilla</i>	{ Macho..... 531 " " Fêmea..... 472 " }	...59 "

TOPINARD e MANOUVRIER, dizendo que as diferenças sexuaes na capacidade do crânio sam devidas às diferenças de estatura que distinguem os dois sexos, pretendem que a *capacidade relativa* seja a mesma sensivelmente para o homem e para a mulher.

Eis as conclusões a que chegou AMADEI num estudo rigoroso da questão. Para estaturas de:

1^m,65 a 1^m,70 a capacidade no macho é de 1553, na fêmea 1409 c. c.
1^m,60 a 1^m,65 a " " de 1527 " 1359 "

Por onde se vê que a estatura influe alguma cousa naquellas diferenças, mas a capacidade dos crânios femininos é sempre menor que a dos masculinos.

Para concluirmos o estudo das diferenças sexuaes do crânio, transcrevemos (1) os resultados das observações de ECKER.

a) «O crânio da mulher assemelha-se ao da creança, em virtude do maior desenvolvimento das bossas frontaes e parietaes.

b) «Pelo que respeita às dimensões, o crânio da mulher differê do do homem:

(1) *Ecker. Arch. für Anthropol. V. 1872.*

- 1.º «Pela pequenez da face relativamente ao crânio, o que é também um caracter infantil;
- 2.º «Pela preponderância da callote craniana relativamente à base;
- 3.º «Pelas menores dimensões;
- 4.º «Pelo maior achatamento da caixa craniana, sobretudo no vertex;
- 5.º «Pela direcção vertical da frente, o que é também um caracter infantil;
- 6.º «Pela passagem brusca, angulosa, da superfície craniana à linha da frente e ao occiput, principalmente nos *brachycéphalos*».

Podemos ainda juntar mais as seguintes diferenças (1): *cavidades orbitaes* mais pequenas; o *índice cèphalo-orbital* mais elevado; o *índice cèphalo-espinal* mais baixo (2).

(1) CANESTRINI, *Anthropologia*, pag. 175.

(2) O *índice cèphalo-orbital* é a relação centesimal da capacidade craniana para a capacidade das duas órbitas. Calcula-se pela seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Capacidade das orbitas}}{\text{Capacidade do crânio}} = \frac{100}{X}$$

No Orango é igual a 9,7; no homem adulto oscilla entre 20 e 30, podendo nos *microcéphalos* descer a 11,4.

A média para o sexo feminino é 28,46 e para o sexo masculino é 27,36.

O *índice cèphalo-espinal* é a relação decimal da área do buraco occipital para a capacidade do crânio. Calcula-se pela fórmula

$$\frac{\text{Área do buraco occipital}}{\text{Capacidade do crânio}} = \frac{10}{X}$$

Nos Macacos anthropomorphos o valor deste índice é 8,35; para o homem o valor mais baixo que tem sido observado é 13,49.

A média para os crânios femininos é 18,48; para os crânios masculinos é 19,65.

A média geral para a espécie humana calculada em 100 crânios é o número 19,19. (CANESTRINI).

Resumindo: Segundo todos os auctores e em todas as raças (principalmente nas mais civilizadas) o crânio da mulher é mais infantil, pela sua capacidade e forma, do que o crânio masculino (1).

Cérebro. — Se a capacidade do crânio é menor na mulher, é lógico suppor-se que o pêso do cérebro seja maior no homem. Assim é com effeito.

Segundo MANOUVRIER o pêso do cérebro da mulher estaria para o do homem como 89 está para 100.

Os seguintes números extrahidos do livro de THULIÉ, *La femme*, confirmam o que dizemos.

	Pêso médio do crânio	Diferenças
WAGNER	{ Homens..... 1410 gr. Mulheres..... 1262 " }	...148 gr.
HUSCKE	{ Homens..... 1424 " " Mulheres..... 1272 " }	...152 "
BROCA.....	{ Homens..... 1365 " " Mulheres..... 1211 " }	...154 "
TOPINARD	{ Homens..... 1400 " " Mulheres..... 1250 " }	...150 "
MANOUVRIER ..	{ Homens..... 1353 " " Mulheres..... 1225 " }	...128 "
BISCHOFF.....	{ Homens..... 1362 " " Mulheres..... 1219 " }	...143 "

Segundo os dados de BISCHOFF, o pêso máximo achado para os cérebros masculinos foi de 1925 gr. e o pêso máximo para os cérebros femininos foi de 1565 gr.; os pêsos mínimos fôram respectivamente 1018 e 820 grammas.

Segundo as investigações de HAMMOND (2), os pêsos espe-

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 20.

(2) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 29.

eíficos das substâncias cinzenta e branca do cérebro sam também variaveis com o sexo.

Eis os resultados a que chegou aquelle investigador :

<i>Homens</i> (substância cinzenta)....	{	máximo... 1,0372
		mínimo... 1,0314
		médio.... 1,0350
<i>Mulheres</i> (substância cinzenta) ..	{	máximo... 1,0325
		mínimo... 1,0314
		médio 1,0317
<i>Homens</i> (substância branca).....	{	máximo... 1,0427
		mínimo... 1,0341
		médio 1,0385
<i>Mulheres</i> (substância branca)....	{	máximo... 1,0386
		mínimo... 1,0311
		médio 1,0379

Muito se tem discutido, e muito está ainda por aclarar, àcêrca da importância destas diferenças na capacidade do crânio, pêsco e densidade dos cérebros dos indivíduos dos dois sexos.

O cérebro é o órgão do pensamento, da intelligencia; e porisso muitos auctores têm concluido que, *sendo o cérebro da mulher geralmente mais leve que o do homem, a mulher deve ser intellectualmente inferior ao homem.*

Contra esta affirmacão insurgem-se porém observadores conscenciosos e de alto valor científico (TOPINARD e MANOUVRIER sobretudo), dizendo que a conclusão tirada seria verdadeira se as medidas fossem comparaveis, mas na mulher as dimensões das diferentes partes do corpo sam menores do que no homem e por isso o que se deve comparar sam as medidas relativas (referidas à totalidade do sêr), e não as medidas absolutas.

Se assim se fizer, diz MANOUVRIER, a mulher não ficará a dever nada ao homem pelo que respeita à capacidade do crânio e ao pêsco do cérebro.

Mas numerosos outros auctores têm feito a comparação do modo exigido por MANOUVRIER e os resultados não confirmam as suas afirmações.

Assim, PARCHAPPE, afirma que, *à taille égale*, o pêso do cérebro da mulher é inferior em 2 0/0 ao pêso dos cérebros masculinos (1).

VARIGNY afirma (2) que na mulher o pêso do cérebro é $\frac{1}{44}$ do pêso do corpo, ao passo que no homem é maior, $\frac{1}{40}$. Esta differença cresce com a idade, pelo menos enquanto dura o desenvolvimento individual.

Com effeito, segundo VARIGNY, esta differença é de 7 0/0 a favor do homem de 21 a 30 annos e de 11 0/0 entre os 30 e 40 annos.

BISCHOFF dá a seguinte tabella para estabelecermos a relação entre os cérebros dos dois sexos, suppondo igual o pêso do corpo (3).

Pêso do corpo	Pêso do cérebro	
	Homens	Mulheres
20 kilogrammas	—	4,47 por 0/0
30 " 	3,7 por 0/0	3,37 "
40 " 	2,78 "]	2,70 "
50 " 	2,5 "	2,29 "
60 " 	2,16 "	1,99 "

VIAZZI (4), baseando-se nas medidas de MORSELLI, MANTEGAZZA e AMADEI, conclue do mesmo modo: — *«Il cranio della donna è notevolmente inferiore nel peso e nella capacità a quello dell'uomo; parte della differenza è dovuta alla minor mole del corpo; ma anche fatto riferimento alla minor mole del corpo, la relativa inferiorità, se pure attenuata, rimane».*

(1) THULIÉ, obr. cit., pag. 188.

(2) H. DE VARIGNY cit. em HENRI MARION, *Psychologie de la femme*, pag. 54.

(3) Cit. em LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 29.

(4) VIAZZI, obr. cit., pag. 39.

Pelo contrário, MANOUVRIER (1) insurge-se contra estas afirmativas e conclue de modo categórico: — «*Le poids proportionnel du cerveau est beaucoup plus grand chez la femme que chez l'homme, de même qu'il est plus considérable chez les hommes petits que chez les grands*».

Como se vê as opiniões não podem ser mais contraditórias e daqui resulta a enorme confusão que se encontra na maior parte das obras que tratam da questão que nos prende. Todos querem *levar a agua ao seu moínho*; por isso as opiniões antecipadas duns e o sentimentalismo dos outros, terão sempre uma base sólida (!) nas observações de qualquer anthropólogo.

Vamos transcrever *textualmente* uma citação, que a título de nota *curiosa e picante* se encontra no livro de Novicow (2). — «*A ce propos (fallando de cérebros femininos mais pesados que cérebros masculinos) un petit fait, assez piquant, cité par M. C. E. WOODRUFF (An anthropological study of the small brain of civilised man). Un savant russe donna comme preuve de l'infériorité de la femme cette petitesse relative de son cerveau. Quand il fut mort, on fit son autopsie et on constata qu'il avait le cerveau plus petit que la moyenne des femmes*».

Esta mesma notícia, pouco mais ou menos pelas mesmas palavras, é transcripta por HENRI MARION dum jornal qualquer.

Agora a psychologia do caso. Um fulano de bom gosto não tendo que fazer ou querendo-se divertir, mandou para os jornaes aquella notícia, quem sabe se como *poisson d'avril* (!), e esse *canard* foi tido como verdadeiro por bastante *gente boa*.

Nós vamos mostrar, em face de informações *authênticas*, que o cérebro de BISCHOFF (é este o sábio russo visado) pesava mais que a média dos cérebros femininos.

(1) H. THULIÉ, obr. cit., pag. 188.

(2) *L'affranchissement de la femme*, pag. 48.

P. J. MOEBIUS para se defender duma crítica directa, a propósito do livro — *L'inferiorità mentale della donna* — (crítica onde lhe diziam que, após a descoberta de que o pêso médio dos cérebros dos antifeministas era inferior ao pêso médio dos cérebros femininos, se tinha posto de parte a these de que a inferioridade da mulher resultava da pequenez do seu cérebro), interpellou directamente o professor BOLLINGER que fez a autópsia de BISCHOFF. A resposta foi a seguinte: BISCHOFF morreu com 76 annos de idade; tinha 180 centímetros de altura e o seu cérebro pesava 1330 grammas.

Ora, segundo as tabellas do próprio BISCHOFF, o pêso médio do cérebro dum homem, entre 70 e 85 annos de idade é de 1279 grammas, enquanto o pêso médio dos cérebros femininos, da mesma idade, é de 1121 grammas.

Além disso o pêso do cérebro de BISCHOFF é superior ao número que os differentes auctores assignam para pêso médio dos cérebros femininos.

É o que se vê pela seguinte tabella que nos dá o pêso médio do cérebro em indivíduos de 20 a 30 annos, e portanto muito mais novos que BISCHOFF. (Note-se que este facto tem importância por estar averiguada a deminuição do pêso do cérebro a partir duma certa idade).

	Homens	Mulheres
No Hanover (KRAUSE, <i>Anatom.</i>).....	1461 gr.	1341 gr.
Em Inglaterra (SIMS, <i>Med. Chir. Trans.</i> 1835)	1412 »	1292 »
Na França (SAPPEY, <i>Traité d'Anat. Descr.</i>)	1358 »	1256 »
Na Suissa (HOFFMANN, <i>Anatomie</i>)... ..	1350 »	1250 »
Na Rússia (BLOSFELD, <i>Henkes Zeitscht Statasartzneilkunde</i>)	1346 »	1195 »
Na Áustria (MEYNERT, <i>Vierteljares f. Psych.</i> , 1887).....	1296 »	1170 »
Média geral.....	1370 »	1250 »
Differença		120 gr.

Nesta tabella só ha um caso em que o pêso médio dos cérebros femininos excede (em 11 grammas) o pêso do cé-

rebros de BISCHOFF, mas ha ainda a attender à idade, que influe bastante nos resultados (1). Além disso a média geral é muito inferior áquelle número.

Passemos a outro argumento, que tem sido apresentado por vários auctores para demonstrar a pouca importância das differenças que incontestavelmente distinguem os cérebros masculinos dos femininos.

Esse argumento é o seguinte: *Um pequeno cérebro pode ser igual a um cérebro grande, desde que as diferentes partes necessárias à vida psychica estejam integralmente conservadas.*

Devemos observar que a um *talento unilateral* pode deixar de corresponder um cérebro muito volumoso; basta que lhe corresponda um cérebro mais desenvolvido em certas regiões.

Que existe uma certa relação entre a grandeza do cérebro e a intelligência, mostra-o a seguinte tabella onde se en-

(1) Quanto a *atrophia senil* subtráe em cada caso, é difficil dizer-se.

Segundo BISCHOFF e as tabellas de BODY, um homem de 80 annos tem perdido 100 ou mais grammas no peso do cérebro.

É facil de vêr pelo seguinte quadro a lei da variação do peso do cérebro com o sexo e com a idade.

Idade	Homens		Mulheres	
	Número de observações	Peso médio do cérebro	Número de observações	Peso médio do cérebro
1 a 10 annos.....	13	985,15	34	1033,26
11 a 20 »	11	1465,27	13	1285,94
21 a 30 »	13	1341,53	20	1249,—
31 a 40 »	35	1410,56	17	1262,—
41 a 50 »	36	1391,41	25	1261,—
51 a 60 »	31	1341,19	15	1236,13
Além de 61 annos.....	51	1326,21	32	1203,43

contram os pêsos dos cérebros dalguns homens eminentes; contudo este critério, por si só, não basta porque se deve também attender á qualidade e ao desenvolvimento proporcional das differente partes necessárias à vida psychica.

Número de ordem	Nome	Idade attingida	Profissão	Pêso do cérebro
1	CUVIER	63 annos	Naturalista	1829 gr.
2	BYRON	36 »	Poeta	1807 »
3	PETRARCHA	70 »	»	1666 »
4	DANTE	56 »	»	1552 »
5	DIRICHLET	54 »	Mathemático	1520 »
6	FUCHS	52 »	Patologista	1499 »
7	GAUSS	78 »	Mathemático	1492 »
8	FOSCOLO	50 »	Poeta	1483 »

As observações de RÜDINGER, sôbre o desenvolvimento das differentes partes do cérebro, mostram a existência duma menor differenciação em partes importantes do cérebro feminino.

Segundo aquelle sábio o grupo das circunvoluções, situado em torno da *scissura de Sívio*, é mais símplez e possui menores sinuosidades nos recém-nascidos do sexo feminino do que nos do sexo masculino.

A *ínsula de Reil* é, em média, um pouco mais desenvolvida, em todos os diâmetros, nos cérebros masculinos.

A 3.^a *circunvolução frontal* é menos desenvolvida nos cérebros femininos adultos, especialmente na secção que se continua immediatamente com a circunvolução central.

Enfim, nos cérebros femininos, em todo o seu precurso, a *circunvolução parietal média* é menos desenvolvida.

O exame de cérebros das raças mais atrasadas na civi-

lização tem mostrado a existência de particularidades anatómicas análogas.

RÜDINGER observou, com effeito, que nos negros existem as particularidades que caracterizam o lóbulo parietal dos cérebros femininos, ao passo que na raça branca, nos indivíduos psychicamente bem constituídos, o referido lóbulo apresenta um aspecto completamente diverso.

Segundo HENRI DE VARIGNY, o cérebro da mulher é menos rugoso, as circunvoluções são menos bellas, menos amplas e destacam-se com menor relêvo, tudo o que constitue um signal positivo de inferioridade (1).

É esta também a opinião de quasi todos os anthropólogos.

Embora custe aos *feministas*, pode-se pois considerar-se como regularmente demonstrado que «*nella donna, sono meno sviluppate che nell'uomo porzioni del cervello, le quali sono della massima importanza per la vita psychica, quali le circunvoluzioni del lobo frontale e temporale, e che questa differenza esiste fin dalla nascita*» (2).

Outras particularidades femininas. — A mulher não apresenta com tanta frequência como o homem certos caracteres degenerativos (3). Mesmo nas mulheres mais degeneradas, como as idiotas, as surdas-mudas, as loucas, etc. não são frequentes taes caracteres.

Este facto está por certo relacionado com a menor variabilidade feminina.

A força da mulher foi avaliada, como sendo igual à dum adolescente de 15 a 16 annos, isto é, approximadamente em $\frac{2}{3}$ da do homem. Esta differença é porém menor nas raças inferiores, onde a mulher tem uma parte mais activa nas luctas da vida.

(1) J. LOURBET, *Le probleme des sexes*, pag. 63.

(2) MOEBIUS, *L'inferiorità mentale della donna*, pag. 9.

(3) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 31 e seg.

Doenças. — A mulher tem uma resistência maior às doenças infecciosas, o que parece estar numa certa relação com a maior abundância de leucócytos no seu sangue.

Velhice. — Na mulher a *duração média* da vida é maior que no homem.

Segundo MANOUVRIER nos 20 primeiros annos da vida (exceptuando o período que vae dos 2 aos 3 annos) ha um ligeiro excesso na mortalidade feminina, mas dos 20 aos 100 annos, pelo contrário, nota-se uma grande inferioridade nessa mortalidade. Exceptua-se o período que vae dos 70 aos 75 annos em que ha excesso de mortalidade feminina.

Este facto está directamente relacionado com a *menor sensibilidade* (LOMBROSO) da mulher, tanto mais que é precisamente naquella época em que a sensibilidade feminina é maior (3 aos 20 annos) que a mortalidade é máxima.

Os casos de longevidade sam mais vulgares nas mulheres. Na Inglaterra, dos 76 centenários que morreram em 1889, 55 eram do sexo feminino.

Uma prova indirecta duma velhice *mais tardia* está nas *calvas* e nas *cans* que, na mulher, apparecem mais tarde e com menos frequência.

Podemos pois concluir, como MOEBIUS, que «*sob o ponto de vista somático, abstracção feita dos caracteres próprios do sexo, a mulher é alguma coisa de intermédio entre o adolescente e o homem*».

PAULO MANTEGAZZA (1) diz também:— «*Anatomicamente, a mulher não é inferior nem superior ao homem: é diferente, porque diferentes são as funções que tem a cumprir.*

«*Nas suas formas geraes, assimilha-se a um adolescente. o qual por seu turno, e psicologicamente, se parece com ella*».

(1) P. MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, trad. de C. DE FIGUEIREDO, pag. 34.

CAPÍTULO IV

**Subordinação natural da mulher.
Consequências da sexualidade**

As diferenças tanto morfológicas como physiológicas que distinguem os indivíduos dos dois sexos, resultaram da collaboração de dois factores de importância desigual: — da *condição social da mulher* durante a evolução da família humana, e da *sua naturêza própria*.

Devemos porventura admirar-nos de que a aptidão ao movimento seja menor, que seja menor a potência muscular ou outra, menor a estatura, menor o pêso, menor a riqueza do sangue, menor a actividade das trocas respiratórias, menor o desenvolvimento de partes do cérebro que servem de base material às funções psychicas superiores, etc. ?

Estas diferenças não serám talvez o resultado do modo de vida mais sedentário, mais comprimido a que a mulher tem estado sujeita durante séculos e séculos ?

Todos sabem que os órgãos não funcionando deminuem de volume, pêso e força funccional; e esta lei geral da Biologia sería *quasi* sufficiente para explicar *algumas* daquellas diferenças.

Dizêmos algumas, porque a sua maioria se pode explicar como o resultado doutras diferenças mais profundas e irreductiveis. A mulher está essencialmente organizada para ser mãe; a *gestação* e a *aleitação* sam as suas funções próprias e todos os caracteres morfológicos,

physiológicos e psychicos, que dellas dependem, constituem a sua natureza.

É vulgar ver-se nos livros a interpretação errónea de que as diferenças sexuaes representam uma *inferioridade feminina*.

Protestamos. Os cérebros tanto masculinos como femininos, possuem as mesmas circunvoluções; as diferenças mentaes só podem, pois, ser *quantitativas* (1).

E, admittindo mesmo a inferioridade intellectual da mulher, é porventura justificavel a manifesta *inferioridade social* em que a collocam as leis?

Que ha de mais importante para a conservação da família, da nação e da espécie além da função materna?

A idea de *inferioridade é falsa*, porque se comparam cousas differentes; os dois sexos não se podem comparar porque o seu funcionamento é completamente differente na natureza (2).

NOVICOW, um dos mais estrénuos propagandistas da theoria da assimilação dos sexos diz (3): — «*Les droits de la femme ont été violés de la façon la plus injuste parce qu'elle a été considérée, depuis un temps immémorial, comme inférieure à l'homme au point de vue physique et intellectuel. S'il était démontré que cette inferiorité n'est pas*

(1) DANTEC, obr. cit., pag. 540.

(2) Por simplez curiosidade, apresentamos um dos argumentos que se costumavam indicar como demonstrando a inferioridade da mulher.

A existência no apparêlho sexual feminino de rudimentos dos órgãos genitales masculinos, deu origem à idea de que a mulher seria *um homem incompletamente desenvolvido*, e portanto inferior! A descoberta da malformação conhecida por *hypospádias* parecia dar alguma força à these, mas hoje todo o mundo sabe que, durante as primeiras phases embryonárias, o ôvo é *hermaphrodita* e que, portanto, qualquer dos sexos resulta do *abortamento* dos blastómeros donde proviriam os elementos do sexo oppôsto.

(3) NOVICOW, ob. cit., cap. III.

réelle, la femme prendrait dans la société un rang égal à celui de l'homme et, immédiatement, sa part de bonheur serait accrue dans une mesure immense».

A ideia fundamental que serve de base à theoria feminista, não pode deixar de ser sympáthica, mas, nem por isso deixa de representar uma utopia. A noção da *igualdade dos sexos*, do mesmo modo que a de *inferioridade*, é falsa.

Parece que a *sociedade melhor organizada* seria aquella em que *a lei fosse igual para todos*, isto é, aquella em que *todos os indivíduos gozassem da mesma quantidade de liberdade*. Nada porém é mais falso. Se a lei fôr a mesma para todos, os homens gozarám de *liberdades desiguas!*

É que, os homens sendo qualitativamente idénticos, differem pelas quantidades de cada uma das suas qualidades hereditárias. É por isso que o filho dum homem de génio pode ser um imbecil.

Por isso é que a única fórmula aceitavel para liberdade será a de DANTEC: — «*Chacun remplira dans la société le rôle auquel le destinent ses aptitudes*» (1).

Sendo certo que a *diáthese sexual* condemna os indivíduos a desempenhar papeis differentes na sociedade, poderia julgar-se que haveria para um dos sexos, pelo menos, uma deminuição consideravel na liberdade individual (hypóthese feminista). Com effeito haverá injustiça se dois indivíduos com o mesmo património hereditário, (em que se podem portanto suppor as mesmas aptidões), forem obrigados pelo seu sexo a desempenhar papeis differentes na sociedade.

Mas se a diáthese sexual modifica a morphologia, influe também no *espírito*, dando a cada sexo aptidões especiaes: — o *instincto materno*, por exemplo, à mulher.

Quando NOVICOW affirma que: «*numa sociedade or-*

(1) DANTEC, ob. cit., pag. 563.

ganizada conforme a naturêza das cousas, a mulher será educada, desde a infância, com o mesmo objectivo que o homem: viver do seu trabalho», diz uma grande verdade.

Do mesmo modo a justiça e a razão nos impedem de discordar da seguinte affirmação: — «*Puisque la femme est et doit être reconnue unité économique indépendante, elle doit recevoir une éducation capable de lui faire gagner son pain et de se conduire au mieux de ses intérêts».*

Destas permissas conclue NOVICOW que se deve dar à mulher toda a instrucção até aos mais altos estudos facultados aos homens; que se lhes devem abrir todos os cursos (no que estamos de accôrdo); e que *se lhes devem facultar todas as carreiras.*

Para que a ultima conclusão seja admissivel, é porém necessário que se demonstre primeiro que dahi não resulta um perigo para a espécie. Nós examinaremos mais de perto, e em capítulo especial, esta questão; por agora limitar-nos hemos a apresentar algumas objecções.

Admittamos por um momento que à mulher se facultavam todas as carreiras, sem restricção alguma; e que a capacidade fosse a única cláusula de admissão.

É um facto averiguado que, com a entrada da *mulher na vida pública*, começa a *sua esterilidade*; e comprehende-se bem que assim seja, porquanto os trabalhos da maternidade sam um estôrvo enorme ao bom desempenho da vida social.

O futuro da espécie sería necessàriamente comprometido, não só pela deminuição do *número de nascimentos*, mas também pelas *suas qualidades*. Eram precisamente as melhores reproductoras que se eliminavam, e o *nivel intellectual* teria de *baizar*.

Mas ainda ha mais. Á mãe incumbe dar um primeiro impulso, pela educação bem dirigida, ao seu pequeno filho. O que seria pois do futuro da raça, se precisamente as educadoras mais intelligentes fossem supprimidas?

Concordamos plenamente em que a educação actual das mulheres é má, não por se lhes não ensinar o que os

homens devem aprender, mas sobretudo porque se lhes não ensina aquillo de que terão necessidade na sua *vida de mulheres*, nos seus *devêres de mães*, de *educadoras e directoras do lar doméstico*. Deploramos principalmente que se lhes não ensinem os devêres que lhes impõe a sua *naturêza*.

É por tudo isto que MOEBIUS (1) diz e com muita razão: — «*La Natura è una inflessibile Signora e punisce con pene severe le infrazioni alle sue leggi. Essa ha stabilito che la donna deve esser madre ed ha concentrato tutte le sue forze verso questo scopo; quando la donna viene meno al suo obbligo verso la specie e vuole viveri la sua vita individuale, essa viene colpita come da una maldizione.*

«*Quel che è peggio si è, che nel tempo istesso, vengono puniti anche gli uomini e la posterità*».

Sam evidentemente os *devêres de mãe*, de *directora do lar*, de *primeira educadora* dos filhos, que impedem a mulher de se entregar aos *trabalhos artísticos e scientificos*, bem como aos *negócios da política*.

Se, na verdade, a mulher rica se pode escusar às suas *obrigações de família*, como poderám fazer o mesmo as mulheres dos *operários*, dos *pequenos empregados*, dos *pequenos negociantes*, dos *trabalhadores ruraes*, etc., isto é, a *maioria das mulheres*?

No campo dos princípios abstractos, em que muitos espíritos illustres se collocam quando discutem o problêma sexual, ainda a these da identificação política dos sexos seria sustentavel; mas no campo positivo dos factos, é um absurdo injustificavel.

É que, em geral, os *feministas* argumentam *mais com o coração* do que *com factos*; é que todos, invariavelmente, põem de parte a função que só à mulher é dada, a *maternidade*.

Imaginemos por um pouco que a igualdade política dos

(1) MOEBIUS, obr. cit., pag. 27.

sexos era um facto. Então podêmos perguntar : Irá a mulher ao Parlamento durante todo aquelle tempo em que a gravidêz impede qualquer espécie de fadiga e determina tantas e tam extraordinarias crises psychicas?

E, quando fôr *ama*, irá a mulher ao Parlamento de filho *ao collo*? E isto quantas vezes na vida?!

Por certo, só quem não quizer sentir o pêso destes argumentos, poderá *pensar* na assimilação politica dos sexos.

Todos devem ter bem presente que para se constituírem gerações fortes e intelligentes — «*il faudrait que tout enfant eût droit au sein de sa mère et à la première éducation de la famille*» (1).

Aínda no último congresso da *Liga Nacional contra a tuberculose* se lia, num dos numerosos cartazes que ornamentavam a sala da Exposição, em grandes lêtras, exprimindo, bem alto, a opinião dos nossos mais sábios e conceituados médicos, a seguinte sentença :

O FILHO TEM DIREIRO AO LEITE DE SUA MÃE.

A *aleitação mercenária*, a que necessariamente conduz a vida pública, *não presta*. Dizem-no todos os médicos e sam elles os únicos (2) que nesta parte tẽem competência.

(1) THULIÉ, ob, cit.

(2) «A psicologia da amamentação é muito simples. Pára a mulher san e vigorosa, é uma nova consagração da maternidade, que aumenta nos filhos a dívida de sangue e de inexgotável reconhecimento.

«Sob o ponto de vista moral, é um devêr; e aquella que o posterga por vaidade ou por receio de perdêr a bellêza é realmente menos mãi que a mulher que, depois de têr dado durante nove mêses o seu sangue a seu filho, continúa a mihistrar-lh'o sob a fôrma de leite.

«Muitas vêzes aquella que, por affeição excessiva, dá ao filho um leite insalubre ou um alimento insufficiente, torna-se homicida.

«A amamentação é mais um problema de hygiene, do que de

E se a igualdade política dos sexos viesse a ser um facto, em que degenerariam as eleições e as discussões parlamentares?

Haveria por ventura algum eleitor ou deputado, de *mau gosto*, que negasse o seu voto a uns *olhos lindos*, uns *cabellos soberbos*, um *nariz perfeito*, uma *bocca sensual*, um *corpo elegante* e uma *voz sonora e amorosa*?

O que seria de vós políticas *velhas* e sem belleza? As vossas ideias por melhores que fossem, seriam necessariamente votadas ao desprêzo! (1)

Mas, voltemos ao primeiro argumento. Alguns feministas pretendem annullar a difficuldade que a função materna representa para a sua theoria dizendo em termos pomposos, que os impedimentos da gravidez só sam reaes, quando muito, nos *dois últimos menses (!)*, e que a aleitação se pode effectuar sem que a mulher seja por assim dizer desviada dos seus trabalhos ou occupaões (!!)

Citam como exemplo, o facto de muitas camponezas «*après avoir mis au monde leur enfant, continuent leurs travaux comme si de rien n'était*» (2).

O facto é verdadeiro, mas os médicos sabem bem quantas vezes taes abusos representam a perda ou inutilização effectiva de tantas mães, a quem as necessidades da vida obrigam a invadir a esphera da *actividade masculina* — a *acquição do sustento quotidiano*.

E quem não tem notado a derrocada que soffrem as camponezas, ainda as mais bellas e vigorosas, após o primeiro parto?

moral, problema a que o sentimento não deve ditar a solução, mas que só o médico pôde e deve resolvêr». P. MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 239 e 240.

(1) Quem quiser fazer uma ideia do que seriam as discussões parlamentares com tal regimen, pode lêr com proveito o livro de FIMIN MAILLARD, *La Légende de la femme émancipée*, onde se encontra desenvolvidamente exposta a história das sociedades femininas que nasceram com a Revolução francesa.

(2) NOVICOW, obr. cit., pag. 57.

Diz MANTEGAZZA (1): — «*Nas classes pobres, sobretudo no campo, consentimos que a mulher, — que já tem o enorme trabalho da maternidade e da amamentação, — trabalhe mais que o homem; e daqui a senilidade precoce que a afeia e lhe encurta a vida.*»

E mais adiante (2), referindo-se às bellezas da mulher e à sua decadencia: — «*Dar à luz, amamentar e trabalhar, é para ellas um ónus excessivo e cruel, e o homem é castigado pela sua tirannia, achando em seus braços, depois de alguns annos de amor, uma mulher, joven ainda quanto à idade, mas decrepita quanto às fórmas.*»

Resumindo, os deveres da maternidade absorvem para cada filho: *grande parte do tempo da gravidez, 15 menses de aleitação, 1 anno de cuidados da primeira infância, e o encargo da educação intellectual primária*, o que, repetido algumas vêzes, impossibilitará a mulher de se occupar da *política*.

No decurso da exposição que temos vindo fazendo, já dissemos que, socialmente, os dois sexos não sam nem iguaes nem desiguaes; não sam comparaveis, e portanto é ilógico fallar de inferioridades ou superioridades dum sôbre o outro.

Os dois sexos sam *complementares* e é esta a única solução que scientificamente se pode dar do problêma sexual. Vejamos.

A *sexualidade* não se encontra nos animaes mais inferiores da escala, apesar da reproducção sexual ser apnágio de animaes bastante inferiores (*Esponjas-Olinthus*, por exemplo). Subindo porém na série e observando animaes de categoria mais elevada, nota-se que os elementos sexuaes se elaboram, para cada sexo, em apparêlhos especiaes.

(1) P. MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 81.

(2) P. MANTEGAZZA, obr. cit., pag. 144.

Ha espécies em que o mesmo indivíduo contém os dois aparelhos, masculino e feminino — é o caso do *hermaphroditismo* ou *androgynismo*; noutras, os sexos sam separados.

Não entraremos no exame circunstanciado das diferentes modalidades que tal organização pode apresentar, e limitar-nos-hemos a registar que o *hermaphroditismo* pode ser *completo* (certos Entozoários) e então o animal reproduz-se por si mesmo, ou *incompleto*, que é o caso mais geral, e a fecundação só pode effectuar-se pelo concurso de dois indivíduos (Caracoes, Sanguessugas, etc.). Acima dos *Hirudínios* e dos *Gasterópodos*, os sexos sam separados e, na *espécie humana* principalmente, as diferenças sexuaes sam extraordinárias.

Sam ainda as raças humanas mais civilizadas, aquellas em que os sexos sam mais distinctos.

A separação é tam nítida que a confusão é impossivel: «*Comment confondre la haute stature, les épaules carrées et puissantes, la poitrine développée et à large expansion, la musculature saillante, le bassin étroit, la marche ferme et rapide, la voix grave et sonore, la peau épaisse et velue, le crâne développé, le visage énergique et couvert de barbe de l'homme, avec la taille plus petite, les épaules tombantes, la poitrine étroite aux seins proéminents, les formes délicates et gracieuses, le bassin large et ample aux hanches évasées et arrondies, la démarche onduleuse et légère, la voix aiguë, harmonieuse et tendre, le visage glabre, aux contours délicats et voluptueux, la peau fine, douce et blanche de la femme? Comment confondre la force avec la grâce, la volonté avec la tendresse, la logique avec la finesse, l'emportement avec la douceur, la bravoure bruyante et vaniteuse avec le courage tenace, caché et sans la préoccupation de la gloire? L'homme c'est la lutte, la femme c'est l'amour*» (1).

Se é ao funcionamento dos órgãos genitales que sam

(1) THULIÉ, obr. cit. pag. 240.

devidas estas diferenças, o estudo dos casos de hermaphrodismo e de castração devem lançar alguma luz sôbre a sua origem.

Ora na espécie humana o hermaphrodismo, propriamente fallando, não existe; em geral, trata-se de monstruosidades dos órgãos genitales dum ou doutro sexo.

O único caso de hermaphrodismo scientificamente conhecido (SCANZONI, VIRCHOW, SCHULTZE, MUNDÉ) apresentava defeitos graves (1); os dois aparelhos sexuaes eram incompletos.

Nestes monstros nota-se, em geral, uma mistura dos caracteres próprios de um e do outro sexo, que não deixa de ser interessante; CATHARINA HOMANN, tinha de mulher, os *seios muito desenvolvidos* e a *face imberbe*; de homem, a *bacia*, o *thórax* e a *larynge*.

Na infância, abstraíndo dos órgãos genitales, não existem diferenças entre os sexos; os rapazes e as raparigas assemelham-se de modo tal que, se houvesse *identidade de vestuário*, se lhes fornecessem a *mesma educação* e se os obrigassem aos *mesmos exercícios*, a confusão seria completa até à *puberdade*.

Mas a partir desta época, começam a manifestar-se todas as alterações morphológicas e psychicas que temos enumerado e que sam características differenciaes dos indivíduos adultos. É que o desabrochar dos órgãos genitales é a causa determinante do apparecimento daquellas diferenças. Isto é tam verdade, que os *castrados* dos dois sexos se assemelham dum modo extraordinário: pela castração, o homem perde parte dos caracteres do seu sexo — *feminiza-se*; a mulher adquire uma parte dos caracteres masculinos *perdendo* alguma cousa das *suas formas* e *delicadêza* — *masculiniza-se*.

Todos conhecem as diferenças profundas que se operam

(1) Referimo-nos a CATHARINA HOMANN, nascida na Francónia em 1824.

na voz do homem ao attingir a puberdade — desce uma *oitava*; e o phenómeno costuma designar-se pelo termo de *muda*. Pois, se a castração tiver sido effectuada antes da puberdade, a muda não tem logar; o adolescente conserva o *timbre* e a *elevação de voz* da mulher e, se, algumas differenças se manifestam, é unicamente na sua *intensidade* e *volume*.

Era por este motivo que se faziam castrados para as *orchestras dos papas!*

A supressão dos órgãos genitales, no homem, paraliza o desenvolvimento do *apparêlho phonador*, do mesmo que atrophia os *systemas pilôso, cutâneo e glandular*.

Nos castrados (DUPUYTREN) as dimensões da larynge sam $\frac{1}{3}$ menores, tanto na extensão da glotte, como no desenvolvimento das cartilagens, do que no homem normal.

Á mesma conclusão chegou DARWIN nas suas observações sôbre as differenças sexuaes.

Entre outras particularidades que caracterizam as mulheres, e se reconhecem existir também nos castrados, podemos citar a pouca frequéncia de *cans* e de *calvas* ou o seu apparecimento tardio.

A *pelle* dos castrados aproxima-se bastante da das mulheres (maciêza e falta de pellos) e o seu *systema lymphático* desenvolve-se também extraordinariamente; os *seios* augmentam de volume e o *tecido adipôso*, invadindo todo o organismo, adoça os contornos e suaviza as formas; numa palavra o castrado é um homem *feminizado*.

O *cheiro característico* do homem desaparece nos castrados; a *força muscular* diminue, e até no proprio *esquelêto* se estabelecem differenças profundas, que o approximam do esquelêto feminino.

E, a estas differenças physicas, juntam-se muitos caracteres psychicos do sexo feminino: *falta de energia*, etc.

Do mesmo modo, a supressão das glândulas sexuaes femininas, produz modificações importantes.

A castração ovariana, faz apparecer *pelos* no *lábio superior*, no *mento*, e, algumas vezem também no *peito*;

atrophia os *seios*; dá à voz um timbre *mais grave e rouco*; os *músculos* attingem um maior desenvolvimento; a *pelle* perde a sua *doçura e finêza*; os *ménstruos* sam eliminados.

É pois um facto incontestavel que *é o funcionamento dos ovários que faz o character externo da mulher, do mesmo modo que o funcionamento dos testículos faz o character externo do homem.*

KOEBERLÉ, quando affirmou que a extirpação dos ovários em nada modifica o estado geral das operadas, que considera *como mulheres bruscamente attingidas pela menopausa*, não pensou, sequer que a *menopausa*, não é mais do que a *castração natural* e que é precisamente essa a época em que os caracteres próprios dos castrados apparecem nas mulheres que conservaram os seus ovários funcionando.

Ainda às mesmas conclusões conduzem certas anomalias do desenvolvimento individual, conhecidas sob a designação de *precocidade sexual*.

O caso mais interessante conhecido, foi descripto por COMARMOND no *Dictionnaire de sciences médicales*.

Uma creança apresentava aos 27 mēses de idade todos os caracteres physicos da puberdade (1), que começaram a manifestar-se logo depois do nascimento.

Por isso VIRCHOW affirma dum modo decisivo: — «*La femme n'est femme que par les ovaires, toutes les propriétés spécifiques de son corps et de son esprit, de sa nutrition et de sa sensibilité nerveuse, la délicatesse et la rondeur des membres, etc., tout cela et les autres qualités caractéristiques de la femme sont sous la dépendance de l'ovaire*».

E porque sómente pelo *eunuchismo* podemos eliminar as differenças que separam os indivíduos dos dois sexos, deve-se considerar como plenamente demonstrado que os

(1) *Regras, desenvolvimento insólito das mammas, dos órgãos genitales, do systēma pilôso e modificações physionômicas e dos góstos.*

termos igualdade e desigualdade sam impróprios quando se trata dos indivíduos dos dois sexos da mesma espécie.

Cada sexo tem as suas qualidades especiaes que o outro não possui e tanto na vida social, como no momento da procreação não podem nada um sem o outro; não se tornam poderosos e fecundos senão pela união íntima; separados pode-se dizer que não existem.

A luta sexual. — As exigências sexuaes obrigam o homem e a mulher a manter relações em que a sua recíproca diversidade (orgânica e psychológica) difficilmente é reconhecida e ponderada. Dêste facto resultam, muitas vezes, mal-entendidos, soffrimentos, inimizades, etc.

Por isso nota TOLSTOÏ que «raro é o homem que comprehenda o que sam para a mulher os filhos e ainda mais rara é a mulher que comprehenda o que significam para o homem o dever da honra, o sentimento da dignidade civil, etc.».

A coexistência duma hostilidade diffusa entre os indivíduos dos dois sexos, tem sido reconhecida em todos os tempos; o que se pode provar facilmente pelo exame da litteratura de várias épocas.

É costume alcunhar de boas ou de más certas características masculinas e femininas, e sôbre essas apreciações edificar um organismo social que satisfaça plenamente à consciencia moral do seu auctor.

Mas, pondo de parte taes apreciações, podemos, limitando-nos a constatar a realidade dos factos, comprehender perfeitamente como, — existindo um conjuncto de benefícios a repartir entre homens e mulheres e dependendo grande parte dos benefícios, para um dos sexos, do comportamento do outro, e o benefício para um dos lados representando muitas vêzes um pêso para o outro —, se estabeleça e desenvolva a luta. Mas crêmos firmemente que, no limite duma directriz da actividade futura, cada um terá a plena consciencia de quanto *pode gozar* e com

quanto *deve contribuir* para uma harmonia geral que permita o máximo de utilidade e de gozo collectivos; e que, cada um, por conseguinte, procure conformar os próprios actos com essa noção.

Até lá, porém, uma luta sexual análoga à luta das classes existirá fatalmente; mas, entre as duas, haverá sempre uma differença fundamental, que resulta da concepção menos abstracta da luta sexual.

Com effeito, aos limites essencialmente *moveis* das classes sociaes, dando muitas vezes logar a que um mesmo indivíduo possa, sob pontos de vista diversos, pertencer a differentes classes, contrapõem-se a *estabilidade* e a *irreductibilidade* das differenças sexuaes, e a especialização das funções próprias de cada sexo.

Existe um antagonismo evidente entre as razões da existência individual e as razões da existência da espécie, antagonismo que é mais pronunciado no macho do que na fêmea.

No reino animal (WEISSMANN) e na espécie humana — ainda que em menores proporções, existe (QUETELET, MAYR) uma differença consideravel a favôr da mulher no valôr médio da duração da vida.

Por outro lado a influéncia da diáthese sexual sendo mais pronunciada no macho do que na fêmea, com o desenvolvimento dos caracteres sexuaes secundários, contribue muitas vèzes para o maior extermínio dos machos, porque, embora esses caracteres sejam uteis para a aquisição da fêmea, tornam também os indivíduos que os possuem incapazes de defêsa contra os seus inimigos doutras espécies.

O organismo soffre pois tanto mais na sua existência individual, quanto maiores fôrem as exigências do amor; e, como o macho está sempre mais *disposto a amar* do que a fêmea, comprehende-se bem a condição de inferioridade em que a tal respeito se encontra.

Ainda mesmo nas relações amorosas está de peor par-

tido, porque é em geral o macho quem cortêja, e *cortear é distrair-se*.

A intensidade dos prazeres sexuaes, sendo maior nos machos do que nas fêmeas, reverte também (pela absorção da personalidade) em prejuízo dos machos. SPALAZANI affirma ter cortado, durante a cópula, as côxas a machos de Rã, sem que estes tivessem manifestado a mínima consciência do facto; pelo contrário as fêmeas eram sempre ligeiras em evitar o perigo.

Este conflicto, mais enérgico no macho, entre as exigências da conservação individual e as da conservação da espécie, deve reflectir-se no espirito, podendo até exteriorizar-se nas relações sexuaes de tal modo que o objecto do desejo amorôso se torne representativo do que para o indivíduo sam os males do amôr.

Assim se podem explicar os casos pathológicos denominados por TAMBURINI — *de affectividade paradoxal*, em que *se mata a pessoa amada!*

Mas ainda ha mais. Aquelle antagonismo estende-se também ao campo da vida exterior ou de relação e difunde-se em toda a série dos momentos em que os indivíduos dos dois sexos se encontram, derivando ou não dêsse encontro a sua união.

Este facto já se verifica nos animaes inferiores da escala: as Abêlhas (operárias) quando lhes falta o alimento, procuram os machos, matando-os. Contam DE GEER, DARWIN, BREHM, etc. que ha uma espécie de Aranhas (*Epeira*) em que as fêmeas, quando se não acham dispostas às relações sexuaes, *matam e comem os machos* que tentam seduzí-las.

Em certas tribus africanas (DEMEUNIER), onde o *adúltero* se torna escravo do marido offendido, este combina-se muitas vezes com a mulher para apanhar o seu vizinho em flagrante delicto e gozar assim duma punição proficua.

Cousa análoga se passa, nas nossas sociedades, com certas acções judiciárias, onde se ameaça o reu com o cárcere e a respectiva liquidação dos prejuizos soffridos

pelo offendido, todas as vezes que se não chega a um accôrdo sôbre a *quantia* mediante a qual a acção será retirada!

E quantas *emboscadas* e *traições* não causa ao homem a perspectiva risonha duma *aventura galante?!*

Pode pois considerar-se como um facto averiguado que «*o amôr custa ao homem e rende à mulher*». E dêste facto resulta necessàriamente *a luta*.

É evidente que todo o dispêndio é desvantagem, ao passo que todo o rendimento é vantajôso e por tal motivo se encontram, a respeito do mesmo objecto, em luta contínua os indivíduos dos dois sexos, porque sendo menor o prejuízo dum dos lados, menor será também o proveito do outro, e havendo para este maior vantagem resultará para aquelle prejuízo maior.

Temos notado por mais duma vez que, durante a evolução da sociedade humana, a posição dos dois sexos, em face do facto amorôso, variou muito. *In principio*, em virtude da sua maior fôrça muscular, o homem dominou, mesmo contra vontade, a mulher de que necessitava.

Por outro lado a inferioridade orgânica natural (1), tornando a mulher menos apta para a producção económica, determinou uma alteração importante nêste estado de cousas, — a troca da *garantia do pão* pelo *amôr*; e para consolidar esta sua superioridade natural, o homem tratou de deminuir por meio de *restricções e impedimentos* a falta natural de aptidões que na mulher se encontrava.

Mas, com a evolução da sociedade, a mulher percebeu, que tinha no *amôr* uma condição para alcançar o *sustento* e a *protecção masculina*, e em breve tempo reconquistou a sua superioridade biológica.

Obrigada pelas circunstâncias a accomodar-se com a violência, adquiriu as qualidades necessàrias para com-

(1) Referimo-nos aos inconvenientes da gravidêz e da amamentação.

bater a mesma violência; mas como a violência foi naturalmente diminuindo, as qualidades adquiridas pela mulher e transmittidas por hereditariedade, transformaram-se, por fim, num meio de dominar *moralmente* o homem, embora lhe pareça materialmente sujeita.

Por outro lado, o valor do pão diminuiu com a evolução da humanidade, e desse facto resultou também um maior valor para *aquillo* que a mulher dá.

Das qualidades naturaes e adquiridas durante séculos de sujeição, resultaram para a mulher vantagens de que se serve quotidianamente na luta sexual.

E não se julgue que essas vantagens sam pequenas: *Da menor rigidéz do seu organismo lógico resulta (1), na ordem moral, uma proporção menor do sentimento de justiça*, o que lhe permite, nas pequenas contingências da vida quotidiana, caminhar sem hesitações até ao fim que se propõe.

A disposição natural da mulher para *mentir*, a sua *habilidade* em augmentar os *attractivos naturaes*; a sua *penetração psychológica*; a sua facilidade em *adulterar* os próprios *sentimentos*, etc., tudo isto sam vantagens de que a mulher se serve admiravelmente.

Proclama-se por todo o mundo a igualdade de direitos, o que está bem; mas o que é necessário comprehender dum modo claro é a evidência da seguinte affirmação de TOLSTOÏ: — «As vocações do homem sendo mais variadas e mais vastas do que as da mulher, àquelle competem centenaes de déveres, ao passo que à mulher corresponde um pequeno número; donde resulta que a falta de cumprimento dalgum daquelles déveres não pode ter a mesma significação nos dois sexos».

Em geral não é costume alguém enganar-se com prejuízo próprio, exigindo para si mais devêres do que os que lhe competem naturalmente; mas supponhamos que

(1) Já não nos queremos referir às vantagens que resultam dum maior grau de inconsciência.

a este respeito as exigências eram iguaes nos dois sexos. Ainda neste caso, a solidariedade feminina, o desejo de ser agradável ao *bello sexo*, etc., estão sempre promptos a perdoar a sua *fragilidade*, mesmo quando a falta é *grave* dum modo absoluto.

É o que succede com o adultério. Todos dizem, e *as leis* confirmam o dito, que a respeito de adultério o homem está mais favorecido na sociedade do que a mulher.

Singular fortuna e moralidade esquisita!!

Mas, na realidade não é assim. Admittamos que a fidelidade conjugal seja também (como é nossa convicção) uma obrigação para o homem, — dever para consigo mesmo; dever para com a mulher, quando o adultério marital constitua uma real subtracção à sua (da mulher) effectiva necessidade de amôr; dever para com a família, quando se concretiza em eventuaes privações económicas; e punhamos mesmo de parte os prejuizos maiores do adultério feminino, suppondo portanto a culpa igualmente grave nos dois sexos.

A mulher, porque tem uma constituição orgânica differente da do homem e é psychicamente constituída para a *monogamia*, é menos susceptivel de peccar; e da sua menor sensibilidade amorosa resulta muitas vezes sêr o homem obrigado a procurar fóra da casa a satisfação do que a propria mulher lhe nega.

Então a mulher accusará o homem de infiel, exaltando uma fidelidade que lhe não custa! E proclamando a *pena de talião*, far-se ha paladina duma curiosa *igualdade no mal!*

E o mesmo êrro fundamental de cálculo se repete nas menores particulares da vida sexual.

É vulgar ouvir-se fallar da *seducção* praticada pelo homem sôbre a mulher, quando a verdade é que nos animaes superiores e na espécie humana, quem seduz é a fêmea, pela simplez razão de ser a seducção um facto psychológico; e o menos livre psychologicamente é o macho pela sua maior sensibilidade amorosa.

CAPÍTULO V

A condição social da mulher no passado

As qualidades *psychicas* que caracterizam a mulher se, em grande parte, sam inherentes ao sexo, dependem também necessàriamente do processo evolutivo da sociedade humana. E porque semelhante facto tem uma importância capital na determinação do verdadeiro valor das diferenças sexuaes, julgamos indispensavel dar uma ideia resumida do que foi essa evolução.

Em todos os animaes superiores da escala zoológica e sob o ponto de vista das relações sexuaes, o macho está sempre numa condição de *inferioridade* relativamente à fêmea, e isto pelo símplex facto de sêr o macho mais sensível ao estímulo sexual, que o obriga a requestar continuamente a fêmea a qual só se entrega quando lhe apraz.

As fêmeas dos Vertebrados nunca sam maltratadas pelos machos, apesar de mais fracas. É um facto conhecido que nas Aves o macho corteja a fêmea dum modo admiravel; e todos sabem que os Cães difficilmente mordem nas Cadellas, ao passo que o contrario tem logar todas as vêzes que as circunstâncias o permittem. Isto mesmo succede com o Cavallo, por exemplo.

O facto pode explicar-se por uma extensão do sentimento da paternidade que, em muitas espécies, se manifesta por uma protecção à fêmea, e se traduz num concurso mais ou menos efficaz do macho nos encargos da maternidade.

Poderíamos citar numerosos outros exemplos dêste facto, e se o espaço de que dispomos para o presente capítulo nos permittisse maiores desenvolvimentos; pode porém consultar-se com proveito a esplêndida obra de VIAZZI, *Psicologia dei sessi*, por nós já tantas vezes citada.

Na época actual e em certas tribus selvagens (nos Australianos, segundo DARWIN, nos Índios norte-americanos, segundo HEARNE, etc.), a posse da mulher é obtida pela victória em combate com os rivaes.

Este facto, por si só, colloca a mulher numa certa superioridade original a respeito do homem.

O uso da fôrça muscular, maior no homem que do na mulher, modificou consideravelmente a posição relativa dos sexos nas épocas mais remotas da sociedade humana.

Nas sociedades primitivas, onde o único valor cotavel era a fôrça physica, a *sujeição dos fracos* era um facto natural. E a mulher foi, por isso, primitivamente, considerada *besta de carga*, que impunemente se podia maltratar, ferir, matar e até mesmo devorar sem escrúpulo.

Ainda hoje na Terra do Fogo a mulher é considerada *alimento de reserva!!!*

Á dependência estabelecida entre os desejos amorosos e o uso da maior fôrça muscular, veio depois juntar-se a consideração das necessidades communs de alimento, na proporção do auxílio prestado por cada um na sua aquisição, e, em virtude da sua escassêz, na proporção dos meios de que cada um podesse dispôr para assegurar a sua posse.

É precisamente este elemento económico que, juntando-se à affirmação pura e simplez do domínio individual sôbre a mulher, considerada como *cousa conquistada*, confere um character social à antiga dominação masculina, permittindo pelo *uso* a sua confirmação jurídica, e, mais tarde, a sua expressão legislativa — onde é sempre destrinsavel uma mutualidade ou recíproco reconhecimento duma certa dependência fundamental (VIAZZI).

Na apreciação do facto social da antiga sujeição da

mulher, devem sempre ter-se presentes as dificuldades enormes a que estava sujeito o homem adulto e válido, chefe de família, especialmente encarregado da aquisição dos alimentos, da defêsa própria e da das suas cousas (incluindo mulher e filhos).

Numa sociedade onde as exigências da nutrição têm ainda uma absoluta preponderância no espírito dos indivíduos,— e o facto duma certa previsão económica, foi sem dúvida o que distinguiu o homem primitivo dos animaes que o precederam,— é natural que predominem aquelles indivíduos que possuem uma maior facilidade em satisfazer as necessidades communs e que não estejam sujeitos, como a mulher, a incapacidades periódicas, relativas ou absolutas.

Mas nem só este facto justifica o predomínio primitivo do homem.

Em toda a série animal, o organismo masculino é mais complexo e progressivo e por isso mesmo possui uma maior faculdade de variar; donde resulta um singular espírito de iniciativa e uma maior adaptabilidade do indivíduo às variações rápidas e momentâneas da vida individual ou collectiva.

A primitiva sujeição da mulher é pois um *phenómeno natural*, o que não impede de reconhecermos em muitas populações a brutalidade repugnante do sacrificio de indivíduos por motivos futeis ou por cannibalismo.

Se é certo que o tratamento não era recíproco, nem por isso é menos certo que ao homem primitivo pouco importava a própria vida, continuamente exposta aos ataques das feras na caça e à vingança dos seus inimigos na guerra.

É por este motivo que na primeira phase social humana, ao delinear-se o organismo familiar, apparece como uma escravidão, a *fidelidade conjugal limitada à mulher* e resumindo-se na *integridade da cousa possuída*.

Daqui resultou um antagonismo entre os dois sexos, como o que existe entre *dominador* e *dominado* e, nas

ocasiões de perigo e dificuldades, uma causa última de oppressão para a mulher, porque a eliminação della podia representar o desaparecimento dum embaraço na aspe-rêza da lucta individual ou collectiva.

Temos pois que nestas primitivas phases da sociedade humana, e em virtude das circunstâncias indicadas, o homem era o *senhor*.

Logo porém que as necessidades materiaes se tornam menos duras, vemos immediatamente a mulher adquirir um preponderância notavel sôbre o homem.

É um facto universalmente reconhecido que o homem, mesmo nas sociedades selvagens, manifesta pela mulher *mais amôr* do que a mulher pelo homem; resulta pois da parte do homem, apesar de usurpador da propriedade, um *certo respeito* pela *cousa* occupada.

É também um facto conhecido que, nos povos selvagens (e nas sociedades primitivas deveria succeder outro tanto), onde as guerras sam feroçíssimas, as mulheres se escapam à crueldade dos vencedores, aproveitando a *sua sexualidade* (1).

Portanto com o melhorar das condições materiaes, o estado de *facto*, nas relações conjugaes, cessou depressa de corresponder ao estado de *direito*, e o homem deixou rapidamente de usar da brutalidade permittida pelo costume.

Por outro lado, com o progredir das condições sociaes primitivas, — e ao mesmo tempo que se originou e foi areigando no homem a consciência plêna e portanto irrefletida da sua propria fôrça, donde resultou um certo character de protector, reduzido por último a uma vã ostentação, ou a uma real estupidez —, se desenvolveu, na mulher, o *instincto de sujeição e dedicação*, que, primitivamente arma de defêsa, se transformou depois numa

(1) LETOURNEAU conta que as mulheres das Ilhas Marquêsas evitavam a carnificina dos vencedores mostrando-se-lhes *nuas*.

arma offensiva, nas relações da mulher com o homem e contra o homem.

SPENCER dá-nos um eschêma interessantíssimo do modo como poderia ter-se realizado uma tal evolução.

«Necessariamente os homens das raças conquistadoras, que deram origem às raças civilizadas, eram homens em que dominava o character brutal; e necessariamente as mulheres pertencentes a semelhantes raças, devendo tratar com homens brutos, prosperaram somente quando se adaptaram, ou adquiriram a faculdade de se adaptarem a taes characteres violentos. Como podiam as mulheres, incapazes de se defender pela fôrça, defender-se doutro modo?

«Fôram auxiliadas por alguma particularidade do seu espirito.

«É claro que entre as mulheres constrangidas a viver em poder de taes homens, dado que fossem iguaes todas as outras condições, teriam mais probabilidades de sobreviver e de deixar posteridade, as que melhor conseguissem agradar; e este facto, (admittindo a transmissibilidade dos characteres adquiridos), operando sôbre gerações successivas, serviu para estabelecer uma característica feminina, isto é, *a solitudine em obtêr a approvaçãõ* e o adaptamento das faculdades para alcançar este fim.

«Do mesmo modo, as mulheres dos selvagens desapiadados, devem somente ter prosperado quando augmentaram a habilidade de esconder os próprios sentimentos.

«As mulheres que não conseguiram dissimular a rebelião originada na sua alma pelo tratamento de escravas, tiveram menores probabilidades de viver e de criar a prole, do que as que fôram capazes de dissimulaçãõ, e assim por hereditariedade e selecçãõ se desenvolveu, sob este ponto de vista, uma característica proporcional à necessidade».

E como diz VIAZZI:— «... *ad una fase sociale originaria di solidarietà e di dominio maschile, si contrappone l'altra fase de reazione mediante la solidarietà difensiva femminile. La difesa si trasforma prontamente alla sua*

volta in un nuovo attacco, per la riconquista della superiorità biologica della femmina» (1).

Na Índia antiga a condição social da mulher era regulada pela seguinte fórmula: — «*A mulher durante a infância depende do seu pae; durante a sua juventude, de seu marido; durante a viuvez, de seus filhos; se não tem filhos, dos parentes mais próximos do seu marido; porque uma mulher não deve nunca governar-se à sua vontade*».

Esta mesma fórmula, mais ou menos corrigida pelos costumes, segundo as épocas, imperou na Grécia antiga, onde o casamento só tinha um fim — *perpetuar a família*.

A mulher era casada sem o seu consentimento e, se não tinha filhos, ou se deixava de agradar, o marido podia facilmente obrigá-la ao divórcio por motivos futeis. Podia ser legada pelo marido a um terceiro a quem era forçoso entregar-se. Não lhe era lícito vender ou comprar por conta própria além do valor de 50 litros de cevada; e não podia intervir em qualquer acto jurídico.

Na Roma antiga, a sujeição da mulher é bem evidente até na propria expressão do casamento — *conventio in manu mariti*. A mulher estava sujeita à tutela perpétua e absoluta, *in manu*, do pae, do marido, dos filhos e enfim dum agnado.

O casamento, do mesmo modo ou ainda mais do que na Grécia, tinha por fim único perpetuar a família e o culto dos antepassados.

O marido tinha direito de vida e de morte sôbre a mulher; podia deixar de reconhecer os seus próprios filhos e, em caso de desconfiança, podia fazer justiça por suas mãos.

Com o desabar da sociedade romana a escrava emancipou-se e dahi, o luxo, a insolência e a desordem que caracterizaram as mulheres romanas de certas épocas.

(1) VIAZZI, obr. cit., pag. 125.

Mas, como diz MARION (1): — «*N'eût-ce pas été miracle qu'elle ne montrât que des vertus, quand elle s'émancipait par ces vices?*».

É inegavel que o christianismo contribuiu, pelo menos indirectamente, para levantar a condição social da mulher e para a suavizar. É verdade que nem sempre a mulher foi bem considerada pelos padres da Igreja, como mostram os seguintes trechos (2):

«*Origem dos crimes, arma do diabo! Quando vêdes uma mulher, acreditai que não tendes diante de vós um sêr humano, nem ainda um animal feroz, mas o diabo em pessoa. A sua voz é o silvo da serpente*». SANTO ANTONINO.

«*A mulher é semelhante ao escorpião, sempre pronta pãra morder*». SAN-BOAVENTURA.

«*A mulher é a peste das pestes! Dardo do demónio! Por intervenção della, venceu o demónio a Adão e lhe fez perdêr o paraíso*». SAN-JOÃO CHRISÓSTOMO.

«*O homem não é da mulher, mas a mulher é do homem; e o homem não foi criado pãra a mulher, mas sim, a mulher pãra o homem*». SAN-PAULO.

Sabe-se que o Concílio de Mâcon (v século) agitou a questão de saber se a mulher teria *alma!*

Por outro lado o casamento, ainda que considerado como um sacramento, era tido como um estado inferior; a maternidade era posta abaixo da esterilidade. Todavia a mulher luerou com a indissolubilidade do casamento e

(1) H. MARION, obr. cit., pag. 36.

(2) P. MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, trad. de C. DE FIGUEIREDO, pag. 17 e seg.

com a fidelidade prescripta igualmente aos dois conjuges. O homem e a mulher sam iguaes perante o *dever* e as condições de *salvação*.

Nos Gaulêses, a condição da mulher era terrivel; o marido tinha o direito de vida e de morte e o de repúdio. Porém no tempo de CÉSAR os costumes eram mais suaves e a mulher trazia o *dote* de sua família, a que o marido juntava somma equivalente, condição pelo menos apparente de igualdade (1).

A situação da mulher nos Germanos era proximamente a mesma: o marido comprava a mulher. Porém no tempo de TÁCITO já não existia tal compra, e dêsse estado social primitivo só restavam vestígios representados pelo *dote*, em troca do qual a mulher dava *qualquer cousa*, como que para restabelecer a igualdade.

Com o feudalismo resultou para a mulher um período em que a sua situação social não era invejavel.

Se por um lado os *galanteios cavalheirescos*, as *prerogativas das damas nos torneios*, os *cultos dos seus cavalleiros*, etc., representam o lado brilhante do feudalismo (2) pelo contrário, o direito de *primogénito* conjuntamente com o direito de *varonia* representam o reverso da medalha.

O *varão* indemnizava as suas irmãs casando-as; e com

(1) H. MARION, obr. cit., pag. 38.

(2) Entre nós encontramos ainda vestígios destes differentes estados.

«No Cancioneiro de RESENDE citam os poetas palacianos da côrte de D. AFFONSO V e D. JOÃO II, o acto frequente de *offerecer mulas ajaçadas* às damas; esta galantaria, para nós hoje incomprehendida, esclarece-se pelo costume aristocrático estatuído no *Fôro velho de Castella*, pelo qual o fidalgo devia dar à sua mulher «*uma mula ensilhada e enfreada*.»

«O dote confundiu-se com a ideia de um resgate, como se vê pela identificação entre *arras* e *compra de corpo*. No Cancioneiro

o *dote*, se o havia, se deviam considerar embolsadas da parte da herança paterna.

Quando o feudo cahia nas mãos duma donzella, o suzerano, tinha o direito de tutella, ou a cedia a um cavalleiro. O suzerano tinha o direito de obrigar a donzella a casar-se assim que attingisse a maioridade; e o seu consentimento era indispensavel para que podesse contrahir matrimonio.

O único direito da mulher era o de *arras*, sobrevivências do dote germânico e do *morgengab* (1).

Isto pelo que respeita às damas da *alta gerarchia*, porquanto a condição social do *villão* — *besta de carga* do

da Vaticana, do seculo XIV, encontra-se esta preciosa referencia jurídica:

Se m'elrey desse algo, já m'iria
pera mha terra de bom grado,
e sse chegasse, *compraria*
dona fremosa de gran mercado . . .

Eu cuytado, non chegaria
por *comprar corpo* tam bem talhado.

(Canç. n.º 962)

«VITERBO, no *Elucidario*, cita uma doação de MARTIM PIRES a sua mulher com a fórmula «*por compra do vosso corpo*» que identifica com o costume de Aragão da «*herança do marido*» e que JOÃO PEDRO RIBEIRO julga que deve entender-se por *arras*. Segundo JACOB GRIMM, nas *Antiguidades do Direito allemão*, a palavra que significava *comprar* veio a substituir no fim da Edade média a palavra *casar*. No casamento de D. AFFONSO V com D. ISABEL, e no contracto de casamento do rei D. MANUEL com a infanta D. MARIA, a antiga phrase «*por compra do vosso corpo*» foi substituida «*por honra de sua pessoa*». THEOPHILO BRAGA, *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, vol. 1.º, pag. 241 e 242.

(1) «E nas *Ordenações Manuelinas* (liv. IV, tit 9, § 4) a doação do marido à mulher, de quantia certa, depois de consummado o casamento tinha o nome de *Camera çarrada*, costume identificado por LEVY MARIA JORDÃO com o *Morgengabe* germanico». THEOPHILO BRAGA, obr. cit., vol. 1.º, pag. 242.

senhor feudal, — se reflectia necessariamente sôbre as vilans — *bêtes de somme de ces bêtes de somme* (1).

Na *burguesia* a situação da mulher era a mesma: a sua incapacidade, e em particular a da mulher casada, era um dogma.

Com a Revolução estabeleceu-se em França (abril de 1791) a igualdade civil dos dois sexos pelo que respeita aos *direitos successorios*. E para que esta igualdade não podesse ser revogada, estabeleceu-se (Codigo Civil, artt. 791.º e 1389.º) a prohibição de renúncia às successões futuras.

A donzella pode dispôr livremente dos seus bens; casada abdica um pouco em proveito do poder marital, mas ainda assim é preciso o seu consentimento.

Não é possível obrigá-la a casar contra vontade e o dote confere-lhe uma certa igualdade no casamento.

É verdade que a mulher nada pode sem a auctorização do marido, mas também cremos firmemente que a nossa civilização não tem dito a este respeito a sua última palavra.

Longos séculos de sujeição originaram pois no espírito feminino uma certa servilidade. Com o tempo e na lenta transformação das condições sociaes, desenvolveram-se na mulher aptidões especiaes de reacção aos inconvenientes do seu estado de escravidão — *astúcia, penetração psychologica, aptidão para mentir, singular expressão das emoções e sentimentos, fortificação da sua primitiva resistência à dôr, habilidade em despertar interesse, falta do sentimento de justiça*, etc., que constituem por assim dizer, as suas armas de defêsa na luta pela vida.

Por outro lado, como a evolução do instincto sexual tende não só a produzir indivíduos de accôrdo o mais

(1) MARION, obr. cit., pag. 40.

possível com a utilidade da espécie, mas também a assegurar a cada um a educação mais adequada *ao concurso que delles exigem os factores da evolução social* (FÉRE), se attentarmos em que, à parte a aleitação e os primeiros cuidados da infância, aquella educação pertence na sua quasi totalidade ao homem, e em que, como nota DE GREEF, a auctoridade paterna tende hoje a ser mais uma fonte de devêres do que de direitos — *devêres de instrucção, devêres de alimentação*, etc. — verêmos que a condição do homem não será muito para invejar.

Também é um facto reconhecido, que, apesar da condição de inferioridade em que se encontra, a mulher consegue muitas vezes apossar-se do ânimo do marido.

FERRERO nota, com effeito:— « *Quante ignorate figure feminine, comparirebbero a un tratto, se si conoscesse la storia aneddótica della politica, de quella aulica degli uonini che governano, a quella rivoluzionaria dei cosidetti partiti sovversivi!* »

Na verdade, como muito bem diz TOLSTOÏ, se as instituições estâm em poder do homem, *a opinião pública é das mulheres.*

CAPÍTULO VI

A sensibilidade feminina

ERRATA

Na 3.^a linha, onde se lê, *tacto*, leia-se *olfacto*.

Na 5.^a linha, onde se lê, *cheiro*, leia-se *tacto*.

PIANOS SAH M N O M E N S , d e m c o m o o s p r o v a d o r e s d e c h á e v i n h o . E s t a s o c u p a ç õ e s s a m b e m p a g a s p o r q u e é i m p o r t a n t í s s i m o , p a r a o c o m m e r c i a n t e , c o n h e c e r b e m o v a l ó r d o q u e c o m p r a o u v e n d e . S e a s e n s i b i l i d a d e d a s m u l h e r e s f o s s e s u p e r i o r à d o s h o m e n s , o i n t e r e s s e d o s c o m m e r c i a n t e s a s f a r i a s e m p r e p r e f e r i r » .

M A N T E G A Z Z A , e m b o r a c r e i a n u m a m a i o r s e n s i b i l i d a d e f e m i n i n a , c á e e m v á r i a s c o n t r a d i ç õ e s q u a n d o r e l a t a c e r t a s c a r a c t e r í s t i c a s d a m u l h e r : — « *Cousa notavel, diz o sábio italiano, a mulher não tira dos prazêres dos sentidos gôzo algum intellectual* » .

« *Ainda que a mulher perceba facilmente nuances delicadas, os seus sentidos não chegam a abranger largos hori-*

(1) L O M B R O S O e F E R R E R O , *La Femme criminelle et la Prostituée*. L O M B R O S O , *Psychiatria e Anthropologia*, pag. 88.

zontes; a mulher não mede exactamente as proporções dum objecto. Em geral não vê tam longe como o homem, ou, pelo menos, não reconhece tam distinctamente um objecto muito afastado».

A sensibilidade sexual é menor na mulher do que no homem.

A este respeito escreve SERGI (1): — «A mulher normal deseja ser cortejada e amada pelo homem, mas cede como uma victima aos seus desejos sexuaes. É fóra de dúvida que as donzellas — entre nós Europeus — serám mais felizes se esposarem um mancebo, mas raramente põem difficuldade em casar com um velho; assim muitas vêzes abandonam um adolescente, que têm amado, por um velho rico. Mesmo quando tenham soffrido por causa dum amor contrariado, facilmente se entregam a outro que as espose immediatamente; ou ainda, cedem com indifferença a um homem que tinham desprezado, se este insiste e apresenta um lado prático, isto é, a possibilidade de casamento».

Todos sabem que só à custa de carícias se consegue que a mulher ceda com algum prazer, e ha mulheres absolutamente insensíveis aos prazêres do amor.

Conforme a propria duqueza de LONGUEVILLE affirma nas suas *Confissões*, o único prazer que sentia com os amantes, era o do amor-próprio; os outros (referindo-se aos prazêres do amor), diz ella, não a attrahiam.

MICHELET diz: — «*C'est une sottisse vaniteuse dans l'homme, de croire que la femme lui cède vaincue par l'amour physique*».

Entre outros factos que attestam a menor sensibilidade sexual da mulher, podêmos citar: a menor frequência de *psychopathias sexuaes*, a criação do amor platónico, a maior facilidade em conservar a castidade, a sua facil adaptação à *polygamia*, etc.

(1) VIAZZI, obr. cit, pag. 42.

A respeito da menor sensibilidade amorosa da mulher, crêmos que não ha grandes divergências. É esta, pelo menos, a opinião de quasi todos os auctores que têm tratado do assumpto. Entre elles citaremos — MORSELLI, KRAFFT-EBING, OTTOLENGHI, PENTA, etc.

Certos auctores pretendem que a mulher tenha uma maior sensibilidade; o que, em parte, é resultado duma causa que apparentemente está em desacôrdo com o que temos dito.

Referimo-nos ao *amôr* que representa, com effeito, o facto capital da vida feminina, mas que é o resultado, antes da necessidade de satisfazer o instincto da maternidade, do que dos seus desejos eróticos.

Sensibilidade à dôr e sensibilidade geral. — Das experiências de LOMBROSO, resulta, para o sexo masculino, uma sensibilidade geral mais fina.

E o que é mais interessante é que as differenças sam menos sensiveis (do mesmo modo que com as outras differenças sexuaes) quando se comparam creanças dos dois sexos.

Esta menor sensibilidade geral e à dôr tem sido reconhecida por numerosos cirurgiões que têm operado milhares de indivíduos dos dois sexos. A mulher soffre as dôres com uma maior resignação.

É conhecido o facto (MONTAIGNE) duma *mundana* parisiense que mandava arrancar a pelle para ficar com outra mais fresca e mais macia.

As mulheres resistem mais facilmente à dôr; por isso é que sam tam boas enfermeiras. Esta resisténcia à dôr é uma consequência da sua menor sensibilidade emotiva, e a prova está em que a mulher, sendo sujeita a tantas dôres (referimo-nos principalmente à *maternidade* e à *menstruação*), envelhece menos. É por que também as sente menos.

Excitabilidade dolorosa. — O motivo porque tem, durante

tanto tempo, prevalecido a ideia duma maior sensibilidade feminina, consiste principalmente na confusão que até hoje, se tem feito das manifestações exteriores da dôr, com a própria dôr.

SERGI diz que na mulher predomina a *irritabilidade* (primeira forma de sensibilidade) sôbre a sensibilidade. Por este motivo, as impressões exteriores, que deviam produzir sensações definidas e claras, dam origem a sîmplex movimentos, ou sômente, em parte, se convertem em verdadeiras sensações de prazer ou de dôr.

As mulheres, como as creanças, sam mais irritaveis e menos sensiveis do que o homem, e se muitas vezes julgamos o contrário, é porque sômente attendemos às manifestações exteriores da sua excitabilidade nervosa.

Uma outra prova da menor sensibilidade feminina é o império que as mulheres tõem sôbre os signaes externos da emoção, o dom de *fingir* e especialmente a faculdade que possuem de *chorar à sua vontade* .

MANTEGAZZA reconhece também este facto (embora seja partidário da maior sensibilidade feminina) quando affirma « *que um dos caracteres mais salientes da célula nervosa feminina é o de se descarregar rapidamente da tensão que a invadiu; isto reconhece-se também pelas expressões dolorosas. Nella, os hemisphérios sam mais fracos e tõem por isso mesmo uma menor virtude moderadora das acções reflexas, de modo que a mímica resalta quási sempre mais rica e mais expresiva* ».

Em todos os tempos e em todos os países, as mulheres tõem feito das lágrimas uma indústria, e todos sabem quanto, é insignificante muitas vezes a parte que corresponde à dôr sincera.

Sensibilidade moral. — A mulher resigna-se mais facilmente com a dôr, facto que deve antes considerar-se resultado da sua menor sensibilidade, do que levar-se à conta de heroísmo.

Não quer isto dizer que não haja mulheres heroicas

(quantas não ha que o sam mais que muitos homens); mas a resignação heroica exige uma grande *fôrça de vontade*, que não é, por certo, qualidade feminina.

A resignação pelo hábito daria logar a pensar-se numa obtusidade da sensibilidade ou numa sensibilidade relativa que deixaria melhor supportar a dôr. Ora esta resignação pelo hábito não se pode conceber senão para as pequenas dôres e por isso devemos antes admittir na mulher uma menor intensidade das emoções.

A *impetuosidade das paixões* pode também servir de critério differencial dos dois sexos: -- o homem inflama-se mais lentamente e por graus; as paixões das mulheres sam mais rápidas e menos duradoiras.

CAPÍTULO VII

As diversas formas de egoísmo na mulher

O homem fazendo parte do grupo dos *vertebrados sociais*, tem como todos aquelles vertebrados, duas espécies de devêres a cumprir: devêres para consigo e devêres para com a sociedade. Os primeiros sam os mandamentos do *amôr de si* (egoísmo), os segundos sam os mandamentos do *amôr do próximô* (altruísmo) (1).

Estas duas espécies de mandamentos naturaes, sam igualmente legítimos. igualmente normaes e igualmente indispensaveis.

A mulher pois, como o homem, e sem dúvida tanto, aînda que doutro modo, está sujeita a esta lei universal dos sêres vivos, que quer que elles se amem a si mesmos primeiramente (2).

Os dois sexos tõem pois naturalmente de ser egoistas e, entre elles, sòmente poderám existir differenças de grau e de orientação.

Porque a mulher tem menor sensibilidade, também a sua *sensualidade* é menor. A mulher tem menos necessidades e necessidades menos imperiosas, em parte por sua natureza e em parte pelo hábito de se conter, de resistir

(1) HAECKEL, *Les Enigmes de l'Univers*, pag. 400.

(2) H. MARION, obr. cit., pag. 115.

aos seus appetites, ao passo que o homem, como senhor, cedeu sempre sem receio nem vergonha aos seus sentidos.

«Se a estatística chegasse a exprimir em algarismos o número dos peccados do amôr, vêr-se-ia certamente que as mulheres são menos lascivas do que nós; mas quando ellas o são, ultrapassam tódos os limites, attingindo requintes e loucuras incriveis» (1).

Uma característica da mulher, que tem sido muitas vezes observada, a *preguiça*, consiste mais numa *mollêza* relativa determinada pelo hábito e pela educação, do que numa qualidade natural. Com effeito, nos campos e nas aldeias, onde as necessidades obrigam a mulher a trabalhos rudes, tem-se-lhes sempre reconhecido uma *actividade* perfeitamente *equiparavel* à do homem.

É costume dizer-se que as mulheres possuem uma maior *vontade de viver* e um *apêgo* extraordinário pelos *logares e cousas* habituaes; crêmos porém que se trata antes de differenças individuaes e de educação do que propriamente de differenças sexuaes. Todos nós gostamos de vêr o homem mais altivo e mais ousado em arrostar os perigos, mas a coragem feminina embora se manifeste de maneiras bem diversas, nada deve à dos homens.

É em casa, à *cabeceira dos doentes*, nos *hospitales* em ocasiões de *peste* e de *guerra*, que a mulher, com risco eminente da própria vida, mostra bem claramente uma *dedicação e coragem* que causam assombro.

Segundo as estatísticas, a mulher *mata-se*, cêrca de quatro vêzes menos do que o homem. Sôbre este ponto damos a palavra a MANTEGAZZA (2):—«A differença entre os dois sexos é de 1 por 3,95, segundo MORSELLI; de 1 por 4,21, segundo o doutôr I. MANTEGAZZA; em Berlim, é de 1 por 5; em París, de 1 por 2; em Génova, de 1 por 4; em França, de 1 por 3».

(1) P. MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 290.

(2) P. MANTEGAZZA, obr. cit., pag. 300.

«CAMPBELL offerece-nos este quadro, em que vemos a differença do suicídio dos dois sexos, nos vários países da Europa :

	Homens	Mulheres
França.....	79	21
Itália.....	80	20
Prússia.....	82	18
Espanha.....	71	29
Saxe.....	97	23
Rússia.....	80	20
Hollanda.....	78	22
Irlanda.....	78	22
Escócia.....	72	28

«Este quadro é de uma elequência extraordinária: mostra-nos algarismos quase iguaes em países tam differentes como a Irlanda e a Prússia. Nem o clima, nem a raça, nem a civilização, tam efficazes noutros phenómenos psíquicos, fazem sentir nisto a sua influéncia. É pois o sexo que é o absoluto e único padrão do facto».

«SHOVELLER traçou outro quadro, que penetra mais na etiologia do suicídio na mulher, e que estabelece a proporção segundo os sexos e segundo a idade:

Idades	Indivíduos	Homens	Mulheres
Em toda a idade.....	12,1	14,1	8,3
Aos 15 annos.....	10,3	7,1	9,7
Aos 20 ».....	9,1	6,8	9,7
Aos 25 ».....	21,0	16,1	22,9
Aos 35 ».....	23,6	25,0	20,0
Aos 45 ».....	8,2	9,1	17,0
Aos 55 ».....	9,3	9,3	0,0
Aos 65 ».....	17,1	23,1	16,1
Aos 75 ».....	21,5	41,4	0,1

«Na Inglaterra o suicídio da mulher é mais frequênte que o do homem, entre os 15 e os 25 annos, porque o amôr a impressiona mais do que a nós, e este predomínio prolonga-se até aos 45 annos, idade em que ella deve re-

nunciar aos amôres e atravessar o mar tempestuoso da idade crítica».

«Quanto às causas do suicídio no homem e na mulher, é difficil conhecê-las nas estatísticas; mas podemos dizer que, em geral, o homem se suicida por desastres pecuniários e contratempos nas lutas da vida; enquanto a mulher, na maior parte dos casos, se suicida por desgostos domésticos, pela perda dos filhos, pelo remorso ou pela vergonha. A gravidêz, os partos, a amamentação, também influem nella como causas perturbadoras do sistema nervoso».

«Esta differença não provém de que a mulher é mais feliz na sociedade; mas da sua menor coragem e da superioridade do seu sentimento religiôso; a prova está nos diversos modos como que a mulher se suicida, comparados com aquelles, de que o homem se serve.

«Segundo WESTCOTT, o suicídio é menos frequente na mulher do que no homem, porque este está exposto às mais rudes lutas da vida, e porque as mulheres aceitam mais facilmente os revéses da fortuna e sabem sacrificar-se melhor do que nós».

Pelo que respeita ao *apêgo pelos logares e cousas habituaes*, podemos affirmar categoricamente, que é uma consequência do modo de vida mais *sedentário* e exclusivamente *doméstico* a que a mulher está socialmente obrigada.

«As mulheres estimam dum modo particular os objectos familiares, que lhes sam quasi sempre preciosas recordações, e que amam com uma espécie de superstição, de piedade pelo menos, como se fossem fetiches. Nada mais respeitavel e tocante do que este sentimento» (1).

O *instincto da propriedade e a awareza* sam caracteres femininos.

TORQUATO TASSO (2) explica este lado da psychologia

(1) H. MARION, obr. cit., pag. 122.

(2) Cit. em MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 270.

feminina do seguinte modo: — «O homem guerreia para adquirir; exerce a agricultura, o commercio, afana-se nas cidades e tem necessidade de grandes qualidades para todas estas operações. A mulher conserva o adquirido, pelo que deve reunir outras qualidades differentes das do homem; e assim a sua virtude exerce-se dentro de casa, e fóra de casa a do homem».

Este grande amôr à economia é na mulher uma consequência natural da sua fraqueza, da pouca confiança nas próprias fôrças e do seu sublime amôr materno (1).

Não é porém a *ância de ganhar*, o desejo activo de adquirir, mas antes a sordidêz pròpriamente dita, a repugnância em se desprovêr.

A avarêza feminina resulta pois duma tendência natural boa, mas mal encaminhada em virtude duma educação falsa.

É preciso que se ensine à mulher que a economia, não consiste unicamente em *poupar*, mas sobretudo na *ordem*, na justa medida dos gastos, etc. (2).

A vaidade feminina. — No vasto domínio da zoologia é, em geral, o macho que tem uma vaidade mais pronunciada. O Pavão, o Perú, etc., ostentam ainda mesmo na ausência das fêmeas, as suas plumagens.

Nos *povos selvagens* nota-se também um excesso de vaidade do lado dos homens, como facilmente se reconhece pela maior riqueza do *vestuário*, pela maior extravagância das *pinturas e tatuagens*.

«Nas populações das ilhas Tongas, nos *Pápuas* da Nova-Zelândia e da Nova-Guiné só os homens se tatuam».

Nas ilhas Marquêsas os homens tatuam-se mais do que as mulheres e nas Novas-Hébridas os ornamentos de que os homens revestem o corpo sam mais ricos e variados —

(1) MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 124.

(2) H. MARION, obr. cit., pag. 124.

cintos ornados de *conchas*, collares de *pérolas*, etc. As mulheres usam unicamente *bônés* tecidos comervas.

Ha porém numerosas populações selvagens onde mulheres e homens se ornamentam indistinctamente, como succede com os Patagões, os Boschimans, os Peruanos, etc.

Noutros povos é a mulher que, pelo contrário, se tatua mais.

Nas ilhas Marquêsas a tatuagem é menor nas mulheres, mas é obrigatória. Representa mais um dever do que uma distincção; sem tatuagem não se casarã jámais.

Nos Maganja, uma tatuagem muito complicada é o requinte da bellêza feminina!

Nos povos *civilizados*, em virtude da evoluçã differente soffrida pelos dois sexos, e como consequência do domínio do homem sôbre a mulher considerada como escrava, resultaram duas modalidades do *amor-próprio*: o *orgulho* — peccado dos fortes e a *vaidade* — peccado feminino.

«A mesma causa, diz M.^{me} RÉMUSAT (1), excitará no homem as emoções do orgulho e na mulher sômente as da vaidade. O orgulho é o sentimento duma potência que se julga; a vaidade mede-se pelo effeito que se produz, tem sempre necessidade dum segundo».

MANTEGAZZA (2) concorda com este modo de vêr e apreciar a vaidade feminina e diz: — «O homem deve vencer com a fôrça dos músculos ou com os vôos do seu espírito; a elle pois a ambiçã e a glória. A mulher deve fascinar pelas graças do corpo; a ella pois todos os requintes da vaidade.

«Quando achássemos que ella exaggera e faz do toucador e do ornamento da sua pessoa o primeiro pensamento e talvez a sua única paixã, não teriamos senã que nos

(1) Cit. em H. MARION, *Psicologia de la femme*, pag. 125.

(2) MANTEGAZZA, *Fisiologa da mulher*.

accusar a nós, que nella procuramos, antes que tudo, a bellêza; muitas vêzes até, nada mais pretendemos della».

Pode-se pois considerar a vaidade como fundamentalmente igual nos dois sexos, sòmente com nomes differentes. No homem a *fatuidade*, isto é, aquella satisfação de si mesmo, que espera as homenagens, que as procura, mas que as recebe *indifferentemente*, ou mesmo as dispensa, tal é a fé no seu próprio mérito. A vaidade feminina é o *coquettismo*, isto é, a necessidade de agradar, o desejo ardente e incessante de attrahir e fixar a attenção, sobretudo do outro sexo (MARION).

Esta modalidade característica da vaidade feminina, não é mais do que uma consequência natural da inferioridade social a que as leis condemnam a mulher.

Uma tal «situação gerárchica, diz MANTEGAZZA, impõe à mulher todas as pequenas astúcias e, digámo-lo assim, todas as pequenas vilêzas do escravo, o qual por meio da astúcia, da mentira, do subterfúgio, tem de tomar o seu logar ao sol que nasceu para todos. A mulher trata de conhecer logo todas as fraquêzas do próprio senhor, e estuda-as e cultíva-as, para fazer dellas instrumento de especulação, se não de pura justiça. Conhece o valor da própria bellêza, cultiva-a e aperfeiçoa-a por meio da arte e do exercício, que constituem a táctica da seducção e a estratégia do *coquetismo*».

Em todo o mundo e em todos os tempos os homens têm sempre desejado que a mulher seja *bella*; e por isso, a primeira forma de coquettismo, na mulher, é o desejo de que a achem *formosa*.

Mesmo as mulheres mais espirituaes e graciosas, não perdoam que se passe em silêncio a sua belleza.

Conta-se de M.^{me} STAEL a seguinte anedocta como um exemplo interessante do que acabamos de dizer. Num concerto um galanteador, situado entre M.^{me} RÉCAMIER que era muito formosa e M.^{me} STAEL que o não era tanto, disse para um seu vizinho: «*Me voilà entre l'esprit et la beauté*».

— «*Me prenez-vous pour une bête?*» perguntou vivamente M.^{ME} STAEL.

Do desejo natural de parecerem bellas nasceu nas mulheres o gôsto pelos *adornos* e *enfeites* do vestuário.

Entre os differentes fins a que se destina o vestuário, sam com certeza os esthéticos, os mais importantes.

O vestuário, como diz MANTEGAZZA, «pode attingir um alto fim esthético, deixando adivinhar o que se não vê e addicionar à bellêza natural o encanto do que se adivinha».

Serve além disso muitas vezes para corrigir as formas e harmonizar o que a natureza deixou imperfeito.

Ao vestuário juntam-se os adornos que desde as sîmplex tatuagens até os mais delicados e preciosos enfeites femininos, facultam à mulher numerosos meios de seducção.

Todos conhecem o requintado apuro que as mulheres têm nas suas *toilettes*.

Já PLATÃO dizia que as duas coisas mais difficeis de *equipar* eram um *navio* e uma *mulher!*

Uma outra consequência da vaidade feminina, esta porém muito peor, é a *raiva da comparação*, ou uma *emulação insaciavel*.

Nunca se lisongeia uma mulher, quando se lisongeiavam duas, dizia M.^{ME} GIRARDIN.

O *ciúme* e a *inveja* sam evidentes nas relações das mulheres entre si; tudo o que na mulher atráe o homem, é entre ellas uma causa de antipathia.

MICHELET diz que «uma mulher nunca perdôa a outra mulher o ser mais formosa». «A amizade entre duas mulheres, diz RAU, não é mais que uma conspiração contra uma terceira».

Comprehende-se bem que assim deva ser. Este ódio latente deriva naturalmente da necessidade da luta sexual para a conquista do homem; e por isso, tudo quanto seja motivo de vantagem ou superioridade numa mulher, será origem de ciúmes e de invejas.

PRUDHOMME diz que a mulher, acima de tudo, procura, as distincções, as preferências, os privilégios.

M.^{me} NECKER DE SAUSSURE dizia que as donzellas «desejam ser preferidas em tudo; a justiça preocupa-as pouco».

Alliado aos sentimentos de inveja e de ciúme, encontra-se mais geralmente na mulher o sentimento de *vingança*.

Os homens esquecem mais rapidamente uma injúria de que não tiraram vingança immediata, as mulheres não; sam capazes de esperar longos annos por uma occasião própria e então sam terriveis; a crueldade das suas vinganças é extraordinária.

Parecerá extranho que a mulher sendo mais fraca seja mais vingativa do que o homem, mas sam faceis de comprehender os motivos que determinaram uma tal particularidade do espirito feminino.

Ainda hoje, nas raças selvagens e semi-civilizadas, o homem é mais vingativo que a mulher. O homicídio, a pilhagem, etc., sam muitas vezes determinados pelas offensas mais insignificantes. Comprehende-se bem que a violência destas reacções devia repercutir-se dum modo desfavoravel sôbre o progresso social; e, com o avançar da civilização, a vingança devia ser substituída nas suas formas brutaes e primitivas, por processos indirectos de desforra. Hoje sômente nos criminosos se encontra a forma primitiva e brutal do sentimento de vingança, embora muitas vezes o homem normal sinta a tentação atávica de bater ou mesmo de matar quem o offende. Mas a tempestade, em geral, acalma depressa.

Ora a mulher primitiva em virtude da sua fraqueza e da escravidão a que estava condemnada pelo domínio do homem, não podendo exercer a sua vingança pelos processos brutaes do seu senhor teve de lançar mão de outros processos (*calúmnia, humilhação, etc.*) que por menos perigosos à vida social puderam sobreviver.

É costume também considerar como características femininas, a *ambição* e a *necessidade de dominar*.

Pelo que respeita à ambição, diremos que unicamente se pode considerar como caracteristicamente feminina, a

ambição mundana, que se traduz essencialmente na emulação de *brilhar*. Este sentimento porém não tem nada de pessoal, e estende-se a toda a família, ao marido, aos filhos e até aos próprios objectos da casa, o que dentro de limites razoáveis pode até ser uma bella qualidade.

A mulher tem também uma certa pretensão sobre a superioridade da sua origem e da sua família sobre a do seu marido.

Transcrevemos por ser muito interessante a seguinte passagem do livro *Other people's babies* em que ALICE MAYTON, tendo uma explicação com o marido, exclama: «*Sim, é assim na vossa família . . . ; nós, os MAYTON, fizemos sempre isso doutro modo*».

A mulher é, em geral, ambiciosa para o marido.

Pelo que respeita à necessidade de dominar, crêmos que se trata não dum character sexual, mas geral.

A mulher tem particular interesse em exercer o seu *império de mulher* sobre os homens em geral e particularmente sobre o marido, o que é uma das partes mais importantes do seu papel de mulher.

CAPÍTULO VIII

O instinto sexual e o amôr.
Sympathia e sociabilidade femininas

O instinto sexual. — Como todos os phenómenos psychicos (1), o *instinto* desempenha, tanto na vida individual, como na da espécie ou na social, uma *função de protecção*.

Movimentos que, em dadas circunstâncias, foram uteis, acções que igualmente serviram à conservação individual, deram origem, pela *sua repetição*, a uma tendência particular dos órgãos (e consequentemente determinaram uma modificação funcional) para reagir dum certo modo e immediatamente após o *estímulo*.

Esta theoria sôbre a origem do instinto levanta algumas difficuldades na explicação de certos instintos muito complexos, mas BALDWIN (2) resolve a questão do seguinte modo: — «... *l'intelligenza completa in ogni generazione gli istinti parziali e li rende utili dove esse sarebbero insufficienti, tenendo in vita il giovane animal per tutto il periodo in cui l'istinto é imperfetto*».

O auxílio da intelligência (pela selecção das variações mais vantajosas), vae-se tornando, nas gerações successivas, cada vez mais debil, até que o systêma nervôso se torne capaz de executar por si só a função.

(1) SERGI, *L'origine dei fenomeni psichici*, pag. 194.

(2) *L'intelligenza*, pag. 43.

Os instinctos tornam-se assim independentes de toda e qualquer orientação intellectual.

O *instincto sexual*, tem por fim exclusivo a *conservação da espécie* e, por consequência, do mesmo modo que a reprodução e acompanhando o seu processo evolutivo, passa por todas as gradações desde as suas formas mais rudimentares até ao amôr.

E como a evolução ontogénica é uma repetição abreviada da phylogénese, devemos encontrar na evolução individual do instincto da reprodução, um parallelismo frisante com a sua phylogenia.

Assim é. Nas espécies superiores, por exemplo, durante a infância, predominam os instinctos relativos à *acquisição* dos alimentos e de protecção; na idade adulta toma o primeiro logar o instincto sexual e no homem completamente desenvolvido predominam os instinctos sociaes.

O que concorda com a affirmação de FÉRÉ (1): — «*L'instinct sexuel a d'abord pour effet l'acte de la conjugaison; peu à peu il se complique: 1.º d'instincts relatifs à la poursuite et à l'attraction sexuel; puis 2.º d'instincts relatifs à l'union permanente et à la protection des jeunes*».

Existe uma correlação íntima entre a evolução do aparelho genital e o desenvolvimento do instincto sexual (2).

Ainda mesmo nos casos de castração intencional, parasitária, ou pathológica, o instincto sexual se pode manifestar com bastante energia, mas a regra é a ausência de desejos.

Na mulher, depois da *menopausa*, tem-se muitas vezes observado a persistência de desejos sexuaes, factos estes que parecem estabelecer uma certa independência entre as necessidades sexuaes e o estado dos órgãos reproductores (FÉRÉ).

(1) FÉRÉ, *L'instinct sexuel*, pag. 5.

(2) Exceptuam-se os casos de *precocidade sexual*, que se devem considerar como anómalos.

Sabe-se porém que a actividade funcional de qualquer órgão anda ligada a um determinado *encadeamento de elementos nervosos*, que pela persistência da irritação central correspondente (*memória*), pode ser restabelecido apesar do desaparecimento da causa irritante.

As alterações morfológicas e psychicas que acompanham a evolução do instinto sexual, sam, em geral, características da *puberdade*, e manifestam-se com especial intensidade principalmente na mulher (1).

Com a puberdade, a mulher vae ficar na dependência quasi completa do seu organismo sexual.

Com effeito, tomando a idade dos 13 annos para época do apparecimento das *regras*, pode affirmar-se que, em média, a mulher está dependente durante 37 annos (fixando a época da *menopausa* aos 50 annos) dum conjuncto de phenómenos dolorosos e absorventes que, ainda mesmo que não tenha sido fecundada, attestam bem a sujeição da mulher á tyrannia dos seus ovários (2).

Ajuntemos a todos estes embaraços os encargos da gravidez e da amamentação, — que toda a mãe digna dêste nome deve dispensar ao seu filho, e a utopia dos defensores da igualdade dos sexos saltará à vista.

Mas ainda ha mais: — «*Pour peu d'ailleurs que la femme prenne son rôle de mère au sérieux, pour peu qu'elle comprenne que sa gloire, à elle, est de donner à la société des enfants forts et instruits, elle ne se bornera pas aux soins physiques mais cherchera à être mère par l'esprit, comme elle l'a été par le corps, et commencera à former l'intelli-*

(1) «O estudo da puberdade no homem tem limitado interesse, não se operam nelle as transformações somáticas e psychicas intensas que se observam na mulher». EGAS MONIZ, *A vida sexual*. I, pag. 3.

(2) As épochas menstruaes repetem-se 13 vêzes por anno; e o trabalho physiológico das regras dura, de cada vez, 10 a 15 dias se levarmos em linha de conta os phenómenos physicos e moraes que precedem o fluxo catamenial.

gence et le caractère de celui dont elle rêve le bonheur et les triomphes. Elle arrivera ainsi doucement à l'époque de la stérilité sans avoir pu faire autre chose que d'être mère, et en ayant, en vérité, bien occupé et glorieusement rempli son temps» (1).

O amôr. — Do instincto sexual puro e sîmplez das sociedades humanas primitivas resultou, em virtude da *lei da repetição* que domina toda a evolução vital, um sentimento (*o amôr*) que se complicou, subtilizou e invadiu toda a mentalidade.

O instincto sexual tornou-se um sentimento moral, religioso e esthético (2).

Seja-nos permitido, ainda que resumidamente, passar em resenha as variadissimas opiniões dos psychólogos sôbre a natureza do amôr.

Para certos auctores, como BAIN (3), na constituição do amôr interessa unicamente *o desejo*, influenciado pelo *incanto pessoal* do indivíduo do *outro sexo*; o amôr não é mais que uma *sîmplez emoção*.

Seria facil mostrar que esta opinião é contrária aos dados da experiência.

Para SPENCER, o amôr é o mais complicado de todos os sentimentos: «ao sentimento physico como centro, juntam-se os sentimentos produzidos pela belleza pessoal, o respeito, o amôr da approvação, o amôr da posse, o amôr da liberdade e a *sympathia*.

«Todos estes sentimentos, excitados no mais alto grau, e tendendo, cada um de per si, a reflectir a sua excitação sôbre cada um dos outros, formam o *estado psychico composto*, que chamamos amôr».

A objecção que se faz a esta hypóthese de SPENCER é

(1) H. THULIÉ, obr. cit., pag. 283.

(2) LOURBET, *Le probleme des sexes*, pag. 199.

(3) BAIN, cit. em DANVILLE, *La psychologie de l'amour*, pag. 27.

que o amôr, assim definido, seria um *agregado de sentimentos* antes que uma forma nova do sentimento.

SERGI quer que o amôr seja um sentimento *individuo-social*, no qual predominam principalmente dois factores: o *instincto da reproducção* e o *sentido do tacto* conjuntamente com o da temperatura a que se vem ainda ligar a amizade pela fraqueza do sexo, as qualidades moraes e outros elementos independentes do acto sexual.

Vê-se bem que o defeito fundamental destas hypótheses consiste em confundirem o amôr (producto especial) com outros sentimentos que podem, sem dúvida, acompanhá-lo, mas que nunca sam seus componentes.

Até mesmo P. MANTEGAZZA, apesar de reconhecer muitas vezes a existência dum amôr sem causas apparentes, não soube estabelecer a distincção entre o *amôr* e as *emoções* que servindo de excitante ao símplez desejo sexual, parecem, reforçando-o, transformá-lo na sua essência. É por isso que aquelle sábio diz (1): — «O amor é a energia que põe em contacto o óvulo e o espermatozoide».

Para SCHOPENHAUER (2), o amôr reduzir-se hía a uma símplez manifestação do instincto sexual que, sob a influencia do *Inconsciente*, impelliria um para o outro os individuos de cuja união resultasse um filho que realizasse, o melhor possível, o ideal da espécie.

VON HARTMÁNN perfilha as ideias de SCHOPENHAUER e conclue do seguinte modo (3): — «*l'homme est poussé par l'instinct à chercher pour satisfaire son besoin physique un individu de l'autre sexe, s'imaginant goûter ainsi une jouissance qu'il demanderait en vain ailleurs*».

A experiência e os factos não estão porém de accôrdo

(1) P. MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, trad. de C. DE FIGUEIREDO, pag. 24.

(2) *Metaphysique de l'amour sexuel*, citado em DANVILLE, obr. cit., pag. 33.

(3) Cit. em DANVILLE, *Psychologie de l'amour*, pag. 35.

com as ideas dêstes psychólogos, o que não demonstrámos por absoluta falta de tempo e espaço para taes divagações (1).

Para DELBOEF o amôr é «a necessidade inconsciente de gerar um filho».

O inconsciente de DELBOEF é porém differente do Inconsciente mysterioso de SCHOPENHAUER e VON HARTMANN; é «a escôlha intelligente dictada pelo espermatozoide e pelo óvulo».

Dêste modo o amôr reduz-se a um sîmplez phenómeno de *chymiotaxia*, o que na realidade é pouco, como já tivemos occasião de notar.

Por outro lado é facil mostrar que a these de DELBOEF não passa duma adaptação mais scientifica e mais moderna da hypóthese de HARTMANN.

Uma outra classe de philósofos quer ver na paixão amorosa, *uma degenerescência mental, um estado pathológico*.

PIERRE JANET define o amôr do seguinte modo: — «Manifestação do automatismo psychológico, affectando uma completa semelhança com certas loucuras, tal é a *paixão* real, não idealizada por descripções fantasistas, mas reduzida aos seus caracteres psychológicos essenciaes».

Baseando-se na mesma ordem de ideias, FÉRÉ e outros psychólogos definem o amôr dum modo quasi idéntico: «*on ne devient fou d'amour que quand on avait un amour de fou*» (2).

MAURICE FLEURY assimila o amôr a uma *intoxicação*, hypóthese a que porém não dá fundamento algum scientifico.

Para completarmos um pouco mais a exposição que

(1) Remettemos o leitor curiôso para o livro citado de DANVILLE, pag. 35 e seg.

(2) J. FRANCK, *Traité de pathologie interne*, citado em FÉRÉ, *La Famille nevropathique*.

vimos fazendo, diremos ainda duas palavras acerca das origens da hypóthese do *amôr — estado pathológico*.

Certos caracteres objectivos do amôr, taes como: a *obsessão consciente*, a *impulsão*, a *satisfação* e a *angústia*, conjunctamente com a proporção relativamente elevada de *criminosos* que se encontra entre os *apaixonados*, deram origem à ideia de que o amôr não seria mais que um estado pathológico.

DANVILLE considera como argumento decisivo contra esta theoria aquillo que elle chama *critério de utilidade*.

Na realidade, contrariamente ao que succede com as acções para que tendem as ideias obsecantes, o amôr apresenta um caracter de utilidade, tanto individual como social, indiscutivel.

DANVILLE mostrando a insufficiência das theorias propostas para explicar o amôr, apresenta a seguinte definição: — «O amor é uma entidade emotiva especifica, que consiste numa variação, mais ou menos permanente, do estado affectivo e mental dum indivíduo, no acto da realização — pelo jôgo fortuito dum processo mental especializado — duma systematização consciente do seu instincto sexual, sôbre um indivíduo do outro sexo.

«Em geral o phenómeno é acompanhado por uma exaltação dos desejos» (1).

Pela primeira parte da definição — *uma entidade emotiva especifica*, mostra-se que o amôr é irreductivel a qualquer outro sentimento. Esta irreductibilidade absoluta do amôr é um facto da consciência.

Com effeito, é opinião unânime de todos os auctores, que *definir o amôr sem o ter sentido, corresponde a formar uma imagem em tudo parallela à que um cego nato forma duma côr*.

A *systematização* da escolha é um facto banal e notório sôbre o que não vale a pena insistir.

(1) DANVILLE, obr. cit., pag. 63.

A causa determinante da escolha — *o processo mental especializado*, mostra a independência do amôr da influência de diversos móveis externos e internos, muitas vezes invocados e tidos como verdadeiras causas do amôr.

Para que se trate de amôr, como o definiu DANVILLE, *a systematização deve ser absoluta*, isto é, especializada a um indivíduo do outro sexo e só a esse. Esta característica permite distinguir com facilidade entre as manifestações vulgares do instinto sexual e o amôr.

Com effeito, se não houver systematização do instinto sexual, estaremos no caso do *desejo vulgar*, a que por certo não pode caber o nome de amôr.

Se a systematização fôr relativa, a selecção do indivíduo sendo determinada quer pelas qualidades physicas ou moraes da pessoa escolhida, quer pela exaggeração do desejo no indivíduo que escolhe (exageração que pode ser normal ou pathológica), ainda não ha amôr.

A vaidade pode, com effeito, determinar a escolha sexual dum indivíduo, em virtude da intervenção de diferentes móveis, vulgares, facilmente reconhecíveis e que se encontrarão na origem de outros dos seus desejos, em várias circunstâncias.

É por isso que HARTMANN, reconhecendo tal facto, affirma que «*a escolha do amôr é caprichosa*». É precisamente porque o amôr não obedece a *motivos*, embora muitas vêzes pareça o contrário.

Além desta qualidade essencial específica do amôr, outras ha que, embora não interessem em nada a essência do sentimento, sam dignas de exame.

Em primeiro logar devemos mencionar a *raridade* do amôr.

Com effeito, no estado actual da nossa sociedade, tanto nas uniões que se contráem pelo casamento como independentemente delle, raramente existe a systematização do desejo sexual, ainda mesmo relativa.

Uma outra característica do amôr, é a sua *impetuosidade*. E é precisamente a falta de motivos tangíveis que

originassem tamanha tempestade, aquillo que tem feito muitas vezes considerar o amôr de essência divina ou sobrenatural.

O amôr exerce um *domínio absoluto* sôbre o sêr que d'elle está possuído, e assim se explica como certos indivíduos, com a plena consciência da indignidade duma ligação, ou da impossibilidade de a realizar, continuam amando o objecto indigno, ou desejando a sua posse.

É ainda por este motivo que a imagem do sêr amado não desaparece nunca do espírito do amante. E é ainda em virtude do domínio exercido pela paixão amorosa sôbre o amante, que a sua conducta habitual, o seu caracter ordinário, a sua maneira de sentir, sam muitas vêzes modificados.

Falla-se sempre das *loucuras* do amôr, o que pode induzir a considerá-lo como um estado pathológico.

Foi duma assimilação desta natureza que resultaram as theorias, que já examinámos, propostas por alguns philó-sophos e psychiatras, segundo as quaes a paixão amorosa deveria ser classificada sob a rúbrica de *obsessão consciente*.

Para terminar, vamos dar em resumo, uma ideia da génese do amôr e do seu mecanismo psychológico.

Na evolução do instincto sexual ha a considerar duas phases distinctas: a *asexualidade* e a *sexualidade*.

Attingida a sexualidade, a differenciação progressiva dos organismos originou: — a *sexualidade com escolha*, a *selecção relativamente systematizada* e o *amôr*.

No período que corresponde à asexualidade, a confusão das funcções põe immediatamente de parte a noção de phenómenos intellectuaes ou affectivos. No período que caracteriza a sexualidade, à localização da funcção corresponde um apparêlho especial differenciado.

Já quando a sexualidade se exerce sem selecção existe a consciência rudimentar. Esta consciência resume-se à lembrança de precepções sensitivas particulares (*Insectos, Crustáceos, Peixes, etc.*).